Thesouro poetico da infancia

ANTHERO DE QUENTAL

THESOURO POETICO DA INFANCIA

THESOURO POETICO DA INFANCIA

COLLIGIDO E ORDENADO

POR

ANTHERO DE QUENTAL

PORTO
ERNESTO CHARDRON — EDITOR

1883

ADVERTENCIA

Este livrinho, destinado exclusivamente á infancia, dedico-o ás mães e cuido fazer-lhes um presente de algum valor.

Convencido de que ha no espirito das crianças tendencias poeticas e uma verdadeira necessidade de ideal, que convém auxiliar e satisfazer, como elementos preciosos para a educação — no alto sentido d'esta palavra, isto é, para a formação do caracter moral—colligí para aqui tudo quanto no campo da poesia portugueza me pareceu, po um *certo tom* ao mesmo tempo simples

elevado, ou ainda meramente gracioso e fino, poder contribuir para aquelle resultado, em meu conceito, importantissimo.

Destina-se pois este volumesinho sobre tudo á leitura domestica. Talvez que não fosse tambem descabido nas escólas de primeiras lettras: mas receio que a simplicidade quasi sempre pueril dos assumptos e a tenuidade do estylo pareçam a muitos mestres destoar d'aquella gravidade pedagogica, que, em seu entender, é attributo do ensino. Direi que pela minha parte, não o entendo assim: penso, com Frœbel e João de Deus, (e com a razão e a natureza) que o typo do ensino é o maternal, o que segue passo a passo as tendencias naturaes e accomóda o methodo e doutrina á condição peculiar do espirito infantil. Para uns entesinhos, em quem tudo é movimento e imaginação, a escóla, se não for jardim, será só prisão, a doutrina, se não for encanto, será só tortura.

As mães essas comprehendem por instincto que é pelo caminho florido e suave da imaginação e do sentimento que a infancia deve ser encaminhada para o mundo superior da razão. Antes as crianças leiam com intelligencia e com gosto historietas e canti-

gas, do que, forçadas e sem comprehensão, os graves casos de D. João de Castro ou dos Lusiadas. E' preciso que a cada espirito e a cada periodo do desenvolvimento do espirito se dê o alimento que lhe convêm. A infancia só comprehende e só ama o que é infantil. Mas infantil não quer dizer trivial nem desarrazoado. Quer só dizer que a razão reveste, para espiritos em que tudo é ainda instincto e fantasia, as formas da intuição e da imaginação: essas formas podem porém envolver lição moral e até elevados conceitos racionaes. Ora é esse justamente o caracter e privilegio da poesia: tornar, pela idealisação sentimental, ductil e plastico o que, nas formas da pura razão, é naturalmente abstracto e accessivel só á meditação. A poesia é o ideal percebido instinctivamente.

E' por taes motivos que a poesia constitue o instrumento por excellencia accomodado para desenvolver, e até evocar, na alma infantil, aquelle sentimento do bem e do bello, sem o qual, mais tarde, a propria rectidão do caracter degenera n'uma dureza intolerante e estreita, a propria penetração da intelligencia n'uma agudeza sophistica e esteril. Em tempos primitivos, foi a poesia o vehiculo

lo da doutrina e a linguagem propria das cousas ideaes, para a humanidade ainda infante: sel-o-ha sempre para a infancia, porque cada criança representa verdadeiramente, na sua constituição mental e psycologica, um resumo exacto d'aquella primordial e incipiente humanidade. A doutrina terá sempre de lhe ser revelada em forma de mythos, de exemplos e de imagens — isto é, em forma não só de poesia, mas de poesia simples e, na sua essencia, primitiva.

Esta ultima consideração me levou a excluir completamente d'este livrinho os poetas, ditos classicos, dos seculos 16, 17 e 18. Tenho-os em muita estima, especialmente os Quinhentistas: mas nem pelos assumptos, que trataram, nem pelo estylo, em que escreveram, podiam convir ao meu proposito. Não me propuz dar ás crianças (o que aliás me parece bem escusado) uma ideia mais ou menos exacta, por meio d'uma selecta, da poesia portugueza. O meu fim é diverso e propriamente *educativo:* fazer servir a poesia, como sendo a forma adequada, a desenvolver no espirito das crianças certas tendencias moraes, de que, no meu entender, *depende* essencialmente a harmonia do ca-

racter e, em geral, o bom equilibrio das faculdades. Ora para isto é que os poetas classicos não servem, justamente por serem *classicos*, isto é, presupporem já, em quem os lê, o caracter formado e a razão desenvolvida e opulentada com larga copia de idéas e conhecimentos. Filha d'uma civilisação muito adiantada, a poesia classica ignora ou despreza o que é simples. Os seus assumptos são sempre nobres, ás vezes heroicos, mas nunca primitivos; o seu estylo, sempre grave, ás vezes elevado, mas nunca facil e accessivel. A poesia classica é, por conseguinte, a verdadeira antithese do espirito infantil.

Em compensação, recorri, quanto me foi possivel, á poesia popular. O povo é uma grande criança collectiva, é o eterno infante. No seu conceber as cousas, no seu sentir, no seu dizer, estão ainda presentes, como o estão nas crianças, aquellas faculdades intuitivas que presidiram, ha muitos seculos, ao alvorecer do espirito humano e produziram os mythos, as lendas, os cantos heroicos, com que, no seu berço, se embalou tão poeticamente a humanidade. Dizer popular é pois dizer infantil. Todos tem notado com

as crianças se dão bem com a gente do povo. E' que uns e outros são *simples*. E todos nos recordamos do prazer delicioso com que escutavamos, na meninice, os contos maravilhosos ou os romances e cantigas com que alguma criada velha nos sabia encurtar, como por encanto, as horas largas dos serões de inverno. E' que n'aquellas historias e n'aquelles cantares, encontrava a nossa imaginação a forma exacta dos seus indistinctos devaneios; o nosso sentimento, a expressão natural das suas vagas aspirações. Aquelles eram os symbolos proprios para a nossa ingenua concepção do ideal; e se os soubessemos compor, assim é que os teriamos composto. A voz do povo parecia-nos o echo do nosso proprio pensamento.

Lembrado d'isto, forrageei livremente no thesouro dos nossos romanceiros e cancioneiros populares, com pena de os achar tão escassos, pois confesso que, a serem elles mais vastos e tão opulentos como os da Allemanha ou dos paizes slavos, de boamente me ficára por ali, prescindindo dos recursos da poesia culta. Felizmente que esta, libertada no nosso seculo do jugo classico e inspirando-se mais frequentemente na verdade

do sentimento, pôde offerecer-me mais de uma vez composições em que o pensamento poetico, por ser consciente e culto, nada perde d'aquella graça simples e espontanea, que, na poesia popular, nos impressiona como o condão perdido da primeira innocencia.

Creio ter percorrido, para formar esta collecção, a quasi totalidade dos volumes de versos portuguezes publicados durante os ultimos sessenta annos. Se me não cega uma certa vaidade de collector entendido e exigente, penso poder responder, aos que porventura acharem esta selecta ainda assim pobre e pouco brilhante, que me não tornem a culpa a mim, mas á poesia nacional, que para mais não deu. A mim, satisfaz-me ella, reconhecendo entretanto que outra cousa seria, se feita com os materiaes da litteratura poetica da Inglaterra ou da Allemanha, as duas mais ricas do mundo. Nós somos pobres, mas ainda assim remediados.

Entendi dever abrir n'este livrinho um logar de hospitalidade franca e fraternal aos poetas brazileiros. A poesia brazileira, expressão eloquente d'uma individualidade nacional que de dia para dia se robustece, te

já originalidade e vigor bastantes para se não confundir com a portugueza. Mas nem por isso devemos consideral-a estrangeira. E' antes uma irmã da nossa — ao mesmo tempo parecida e diversa, como costumam ser os irmãos — e, como mais môça, de feições menos definidas ainda, mas tambem mais fresca e agil na sua graça juvenil. Ha n'ella um mimo de espontaneidade e viveza natural, uma ingenuidade de sentir e de expressão, que bem revelam a alma d'uma nação joven, a quem não peza o passado nem o futuro assusta. Merecia ser mais estimada entre nós essa poesia brazileira, flor exotica desabrochada n'um ramo do velho tronco peninsular, transplantado n'outro clima e n'outro mundo, mas onde se sente inteira e vivaz, se bem com aroma diverso, a seiva primitiva.

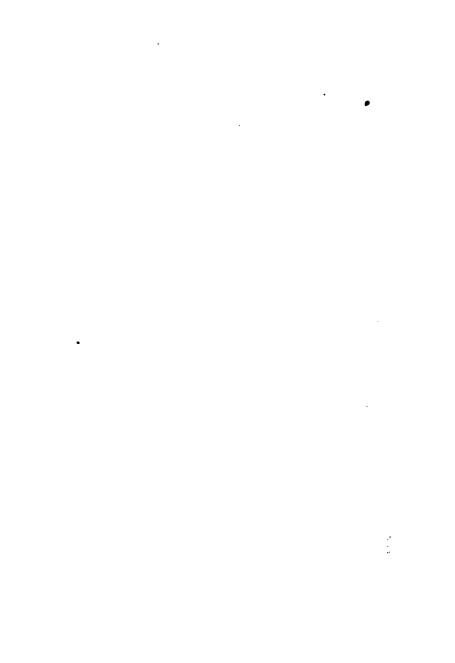
Tomei a liberdade n'algumas composições de poetas muito distinctos e de mim muito admirados, que aqui se incluem, de supprimir uma ou outra estrophe e de substituir uma ou outra palavra, onde quer que a palavra ou a estrophe representavam idéas, sentimentos, aspectos das cousas superiores á comprehensão das crianças, ou, por ou-

tros motivos, inadequados á condição infantil. Perdoem-me os distinctos poetas tal liberdade, que não ha n'ella sombra de censura e menos ainda a estulta pretensão de corrigir quem é mestre. Tive só em vista, com essas ligeiras alterações, tornar admissiveis n'esta selecta composições (aliás bellissimas, mas que não haviam sido escriptas para crianças) que eu muito quizera aqui incluir e que d'outro modo me veria forçado a excluir.

Uma unica composição destoa da indole, ou melhor, do tom geral d'este livrinho: é a ultima da collecção, a bella ode sagrada do nosso grande poeta Alexandre Herculano. Apezar d'isso, entendi que a devia aqui incluir, abrindo em favor d'ella uma excepção. O grandioso e sublime não é certamente para as crianças; mas ha certa sublimidade que ellas sentem intuitivamente, embora não cheguem a comprehender. O sublime religioso — não dos dogmas, mas do sentimento — quando é forte e simples, como na Biblia, é capaz de produzir n'aquellas imaginações tenras, mas nada prosaicas, antes naturalmente idealistas, uma impressão profunda e salutar. O ode de Alexandre Herculano, qu

parece um psalmo biblico, está n'este caso. Pelos conceitos e pelo estylo, excede em muito a intelligencia da criança: mas o sentimento simples, forte e primitivo vai-lhe direito ao coração. E' pelo menos o que posso inferir da minha propria experiencia. Teria os meus 10 annos, quando pela primeira vez a ouvi recitar a um bom padre, que me ensinava rudimentos de gramatica latina. Não ouso dizer que tivesse entendido. E, entretanto, profunda foi a impressão que recebi, como a revelação d'um mundo novo e superior, a revelação do ideal religioso. Escapava-me o sentido de muitos conceitos, a significação de muitas palavras: mas, pelo tom geral de sublimidade, pela tensão constante d'um sentimento grande e simples, aquelles versos revolviam-me, traziam-me as lagrimas aos olhos, como se me introduzissem, embalado n'uma onda de poderosa harmonia, na região das cousas transcendentes. D'ahi por diante, interrompia muitas vezes a repetição dos casos gramaticaes, para pedir ao meu paciente mentor uma nova recitação d'aquelles versos. A minha nascente intuição do ideal religioso achava uma expressão reveladora na poesia grave e penetrante d'a-

quelle hymno sacro. Por muito que depois aprendesse sobre as cousas transcendentes, aquella impressão ficou — e considero-a boa.

Fecho aqui esta Advertencia. Disse já o bastante para dar uma idéa do fim que me propuz e do espirito que presidiu á composição d'esta selectasinha. Cuido ter proporcionado á infancia uma leitura, que, sendo simples, não é futil. Aqui encontrarão os tenros espiritos razão e bellos sentimentos, sob uma forma ductil e facil, que lh'os torne comprehensiveis. A criança, como o adulto, precisa de ideal. Sómente a criança sente-o e percebe-o por um modo seu — mas nem por isso o reclamam menos imperiosamente os seus instinctos espirituaes. Se as mães de familia e os mestres intelligentes acolherem com favor este livrinho, applaudir-me-hei por este pequeno serviço prestado á causa da educação.

JESUS POBRESINHO

Vindo um lavrador da arada,
Encontrou um pobresinho;
O pobresinho lhe disse:
—Tenho fome e tenho frio;
Lavrador, por Deus te peço,
Leva-me no teu carrinho.—
Deu-lhe a mão o lavrador,
No carro já o mettia;
A' sua casa o levava,
A' melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia,
Do melhor manjar que havia;
Sentou-o á sua meza,
Co'a sua mão o servia.
Mandou-lhe fazer a cama,
Da melhor roupa que tinha;
Por baixo damasco roxo,
Por cima cambraia fina.

Era meia noite em ponto,
O pobresinho gemia.
Levantou-se o lavrador,
A ver o que o pobre tinha:
Deu-lhe o coração um baque,
Como elle não ficaria...
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina!

—Meu Senhor, quem tal soubera,
Que em minha casa vos tinha...
Mandara fazer preparos,
Do melhor que n'ella havia;
Mandara fazer preparos,
Do melhor que se acharia...
—Cala, cala, oh lavrador,
Não fales com phantasia...
No céu te tenho guardada
Cadeira de prata fina;
Tua mulher a teu lado,
Que tambem o merecia.

Romance popular

BENÇÃOS

Bem hajas, oh luz do sol,
Dos orphãos gasalho e manto,
Immenso, eterno pharol
D'este mar largo de pranto!

Bem hajas, agua da fonte,
Que não desprezas ninguem!
Bem haja a urze do monte,
Que é lenha de quem não tem!

Bem hajam rios e relvas,
Paraiso dos pastores!
Bem hajam aves das selvas,
Musica dos lavradores!

Bem haja o reino dos ceus,
Que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus,
Que tem sacramento e cruz!

Bem haja o cheiro da flor,
Que alegra o lidar campestre;
E o regalo do pastor,
A negra amora silvestre!

Bem haja o repouso á sesta
Do lavrador e da enxada;
E a madre-silva modesta,
Que espreita á beira da estrada!

Triste de quem der um ai
Sem achar ecco em ninguem!
Felizes os que têm pae,
Mimosos os que têm mãe!

Thomaz Ribeiro.

A VOLTA DA PRIMAVERA

Foi-se a quadra fria!
Os bons dias tornam!
Olha como adornam
Graças os rosaes!

Olha o mar, que espelho!
Como nadam mansos,
Mergulhando, os gansos
Pelos seus christaes!

Como os grous viajam!
Que aureo sol tão limpo!
Claro o azul do Olympo
Nuvens já não tem!

Em teus chãos lavrados,
Lavrador, exulta!
A semente occulta
Já viçando vem!

O olival rebenta,
Pompa verde e prata!
Pampanos desata
Bacchico vinhal!

D'entre as folhas novas
Ri na flor a fructa!
Vê! repara! escuta!
Festa universal!

A. F. de Castilho

A NAU CATHRINETA

—

Lá vem a nau Cathrineta,
Que tem muito que contar!
Escutae-me bem attentos,
Que esta historia é de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram solla de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a solla era tão rija
Que a não puderam tragar.
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi caír a sorte
No capitão general.

—Sobe, sobe, marujinho,
A'quelle mastro real,

Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
—Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas,
Que estão para te matar.
—Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
—Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
E lá vejo tres meninas
Debaixo d'um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.
—Todas tres são minhas filhas,
Oh quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei-de casar.
—A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.
—Dar-te-hei tanto dinheiro

Que não o possas contar.
—Não quero o vosso dinheiro
Que vos custou a ganhar.
—Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual.
—Não quero o vosso cavallo
Que vos custou a ensinar.
—Dar-te-hei a nau Cathrineta,
Para n'ella navegar.
—Não quero a nau Cathrineta,
Que não a sei governar.
—Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei-de dar?
—Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.
—Renego de ti, demonio,
Que me estavas a tentar!
A minha alma a Deus pertence,
O corpo dou eu ao mar.

Tomou-o um anjo nos braços,
Não o deixou affogar.
Deu um estouro o demonio,
Acalmou-se o vento e o mar,
E á noite a nau Cathrineta
A bom porto foi parar.

ROMANCE POPULAR.

A AVÓ

A avó, nos tremulos dedos
Mal sustendo o leve fuso,
Ouve ao longe o som confuso
D'uns innocentes brinquedos.

—Achando aberto o jardim,
(Diz a velha) é sempre assim:
São como as aves inquietas...
Nem eu sei quem voa mais,
Se os incançaveis pardaes,
Se as minhas queridas netas—

E a avó, nos tremulos dedos
Fazendo girar o fuso,
Ouve a rir o som confuso
Dos taes longinquos brinquedos.

Eis principia a assomar,
Da cadeira no espaldar,
A face risonha e linda

D'uma das netas; e a avó,
Pensando que está bem só,
Fala das netas ainda.

Fala, e nos tremulos dedos
Fazendo girar o fuso,
Ouve a rir o som confuso
Dos taes longinquos brinquedos.

N'isto um rosario, que está
Pendurado ha muito já
N'um dos braços da cadeira,
Escorrega e cáe ao chão,
Por lhe haver tocado a mão
D'aquella infantil bréjeira...

E a avó, dos tremulos dedos
Deixando cair o fuso,
Já não ouve o som confuso
Dos taes longinquos brinquedos;

Mas assustada, ao sentir
O seu rosario caír,
Volta a nevada cabeça
E inda distingue o rumor,
Que faz, pelo corredor,
A neta, fugindo á pressa.

E, do cesto das meadas,
A avó, levantando o fuso,
Ouve a rir um som confuso
De longinquas gargalhadas...

GUILHERME BRAGA

CONTO

Houve em tempo uma menina,
De seis annos, pouco mais,
Chamada ella Angelina,
Que era o encanto dos paes.

Os paes eram pobresinhos:
Não a podiam trazer
Bem vestida, coitadinhos,
Mas que haviam de fazer!

Nem tudo a todos é dado:
E vestir bem, vestir mal,
Andar limpinho aceado
E' o ponto principal.

Ella, o cabello, as orelhas,
O rosto, o pescoço, emfim
As mesmas chitinhas velhas
Cheiravam a alecrim!

Só isso, fosse ella cega,
Lhe dava graça a valer,
Quanto mais que era tão meiga
Que mais não podia ser.

A's vezes que não havia
Nem um bocado de pão,
E a pobre mãe não podia
Disfarçar a afflicção;

Já ella, toda anciada
Por ver a chorar a mãe,
Principiava, coitada,
Com as lagrimas tambem:

—Não sei porque se consome
Em não tendo que me dar;
A mim não me custa a fome,
Custa-me vel-a chorar!

E beijando e abraçando
A mãe, para a distrahir,
Toda trémula chorando,
Fingia que estava a rir...

Quando chegou á idade
De já dizer tudo bem,

Claro e com facilidade,
A mãe fez o que convêm,

Pôl-a na escola; que a gente
Não é como os animaes,
Que vêem unicamente
Com os olhos, nada mais.

Quem teve a grande desgraça
De não aprender a ler
Sabe só o que se passa
No logar onde estiver;

Assim como um porco immundo
Só vê dois palmos de chão:
Do mais que vae pelo mundo
Nunca pode dar razão!

Pôl-a na escola que havia,
D'uma senhora de bem
Que ensinava—e recebia
Só dos ricos—mais ninguem.

Lá a levou vestidinha
Pobremente, já se vê,
E toda envergonhadinha,
Talvez sem saber de quê;

E a mestra (que se a algumas
Tratava com mais amor
Era ás pobres) disse a umas
Das que trajavam melhor;

—Todas são alumnas minhas,
Aqui todas são iguaes...
E ás vezes as pobresinhas
Tendo menos, valem mais...

Façam logar as meninas
A esta que agora vem.
Como é das mais pequeninas,
No meio, ahi, fica bem.

E ella sentou-se no meio
Das taes, por signal até
Mostrando certo receio
De se lhes chegar ao pé.

Com effeito, era manía
Das taes meninas mofar
D'alguma que não podia
Tanta riqueza ostentar.

E mal viram descuidada
A mestra com outras, diz

A que era mais estouvada,
Zombando da infeliz:

—Quem lhe deu esse vestido?
Isso era de sua mãe?
Porque lhe está tão comprido...
Isso que prestimo tem?

Diz a outra:—Olha que fita
Do cabello!—era melhor
Atal-o com uma guita...
Já nem se lhe sabe a côr!

Assim levaram o dia,
A ponto que já as mais
Entravam na zombaria
Que estavam fazendo as taes.

A pobre, com a vergonha
Por que a fizeram passar,
A' noite deita-se e sonha...
Que havia d'ella sonhar?

Que vê cahir uma estrella
Do grande collar de Deus,
Tão brilhante que só ella
Alumiava esses céus!

E a estrella vinha descendo,
Amparando-se no ar,
Como uma pomba sustendo
As azas para pousar.

E pousou a poucos passos,
E ella, cega do esplendor,
Sente que a tomam nos braços
E beijam com muito amor.

Beijos como só lhe dera
A propria mãe que a criou;
Mas essa mãe... bem não era...
Qual era?... E n'isto acordou.

Abre os olhos, vê na mesa
Onde a mãe tinha uma cruz,
Oh que enxoval!... que riqueza!...
E põe-se:—Jesus! Jesus!

Acode a mãe e pasmada,
Espantada do que vê,
De mãos postas, ajoelhada,
Reza sem saber o quê.

Ergue-se então e desdobra
Uma capa, um chale, um véo,

Vestidos muitos de sobra,
E tudo feito do céo:

D'aquella seda tão pura,
De tão delicada côr,
Que a gente vê n'essa altura
Onde está nosso Senhor;

Toda ella entremeada
De estrellinhas taes e quaes
A's d'uma noite estrellada,
Brilhantes como crystaes.

Ao outro dia Angelina
Vae á escola, e mal entrou
Parece que a luz divina
Toda a casa alumiou!

Oh como aquellas vaidosas
Não haviam de ficar!
De vergonha, as presumpçosas
Nem levantavam o olhar...

Assim é que a Providencia
Costuma fazer aos vis
Que levam a insolencia
A zombar d'um infeliz.

João de Deus.

O ROSARIO

—

Quando, á noite, contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosario
Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendario
Dos velhos tempos das longinquas eras
De santas devoções.

A cruz eburnea, onde agoniza Christo,
E' de um lavor subtil, que nos revela
Um genio magistral,
Obra de monge em merenchoria cella,
Piedoso artista ha muito adormecido
Em velha cathedral.

Tem seculos: talvez que n'estas contas
Passasse outr'ora suas mãos esguias
A castellã senil,
Pensando triste nos ditosos dias,
Em que a seus pés um menestrel vibrava
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse
As saudades da noiva lacrymante,
Que debalde esperou,
Em cada náu, que vinha do Levante,
O seu donzel amado, que partira
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta de um joven cavalleiro,
Que o beijava por noites estrelladas,
Pensando em sua mãe,
Elle assistiu ás guerras das cruzadas,
Atravessou talvez a Terra-santa
E viu Jerusalém.

Talvez alguma freira, em triste claustro,
De seus annos na doce primavera,
Só d'elle confiou
Seus loucos sonhos de fallaz chimera,
E, apertando o rosario ao peito ancioso,
Consolada expirou.

Isto o que leio no rosario antigo:
E quando melancholico lhe beijo
As contas de marfim,
No ar escuto indefinido harpejo,
E então a crença, a mystica toada
Murmura dentro em mim.

A. C. Gonçalves Crespo.

CANÇÃO DA ENGEITADA

Eu não tenho pae nem mãe,
Nem n'este mundo parentes,
Sou filha das tristes hervas,
Neta das aguas correntes.

Os meus paes me abandonaram,
Foram-se todos os meus,
Sou dos filhos da desgraça,
Só tenho a graça de Deus.

Caridade abriu-me os braços,
N'elles meus olhos abri;
Não tem o mundo outro amparo
Para me amparar a mim.

Vivo como em terra extranha,
Não conhecendo ninguem;
Vivo como peregrino
Que vê tudo e nada tem.

Ai, quem me dera ter mãe,
Inda que fosse uma silva!
Inda que ella me arranhasse
Sempre eu era sua filha...

Chorae, meus olhos, chorae,
Que o chorar não é desprezo:
Tambem a Virgem chorava
Quando viu seu filho prezo.

Canção Popular.

MINHA MÃE

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
—Minha mãe!—

Nas horas caladas das noites de estio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
O filho querido do seu coração:
—Minha mãe!—

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava,
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
—Minha mãe!—

De noite, alta noite, quando eu já dormia,
Sonhando esses sonhos dos anjos dos ceus,

Quem é que meus labios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
—Minha mãe!

Feliz o bom filho, que pode contente
Na casa paterna, de noite e de dia,
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia:
—Uma mãe!—

Por isso eu agora, na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
«Oh filho querido do meu coração!»
—Minha mãe!—

CASIMIRO DE ABREU

SANTA IRIA

Estando eu á janella, co'a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,

Passa um cavalleiro, pedia pousada:
Meu pae lh'a negou: quanto me custava!

—Já vem vindo a noite, é tão só a estrada...
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha esta porta á noite cerrada.—

Roguei e pedi, muito lhe pesava!
Mas eu tanto fiz, que por fim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui calado entrava:
Ao lar o levei, logo se assentava.

A's mãos lhe dei agua, elle se lavava;
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Fui-lhe pôr a ceia, muito bem ceava;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava:
Tão má cortezia nunca a vi usada!

Lá por meia noite, que me eu suffocava,
Elle que me leva com a bocca tapada...

Leva-me a cavallo, nem fala me dava,
Correndo, correndo, sempre á desfilada.

Lá por madrugada, que me perguntava:
Eu na minha terra como me chamava.

—Chamava-me Iria, Iria a fidalga,
Por aqui agora Iria a coitada!

—Por essa palavra serás degolada!
Junto d'este outeiro serás enterrada.

Tirou do alfange, ali me matava;
Abriu uma cova, n'ella me enterrava.

Sómente os cabellos, co'a pressa em que estava,
Meus longos cabellos de fóra deixava.

No fim de sete annos passa o cavalleiro,
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro.

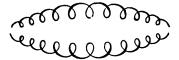
—Dizei-me, pastores, pastores, dizei-m'o,
Que ermida é aquella, que alveja no outeiro?

—E' de Santa Iria, senhor cavalleiro,
Que ali degolaram n'aquelle penedo.

—Minha Santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares serei teu romeiro.

—Perdoar como hei-de, ladrão carniceiro,
Que me degolaste que nem um cordeiro.

Veste-te de azul, que é a côr do céo;
Se o céo te perdoa, perdoar-te quero.

Romance Popular.

PRECE AO ROMPER D'ALVA

Além, de traz da montanha,
Branda luz se patenteia,
Que a dôr nocturna afugenta
Da alma, que sentida anceia.

Branda luz, que afaga a vista,
E que vem o céo tingir,
Quando entre o azul transparente
Parece alegre sorrir;

Como és linda! como dobras
Da vida a força e o amor!
Como se insinua na alma
Teu luzir encantador!

No teu ameno silencio
A tormenta se perdeu,
E do mar a forte vida
Nos abysmos se escondeu!

Porque assim de novo, agora
Que o vento o não vem toldar,
Parece que vai queixoso
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredo,
Bem como as ondas do mar,
Sem correr sopro de vento,
Começam a murmurar?

Sobre o tapete da relva,
A verde folha inclinada
Destilla gotas de orvalho,
Rocio da madrugada.

Renascida a natureza
Parece sentir amor;
Mais brilhante, mais viçosa,
O calix levanta a flor.

Por entre as ramas occultas,
Docemente a gorgear,
Acordam trinando as aves,
Alegres no seu trinar.

O arvoredo n'essa lingua
Que diz, porque assim susurra?

Que diz o cantar das aves?
Que diz o mar que murmura?

Dizem um nome sublime,
O nome do que é Senhor,
Um nome que os anjos dizem,
O nome do Creador.

Tambem eu, Senhor, direi
Teu nome, do coração,
E juntarei o meu hymno
Ao hymno da creação.

Quando a dor meu peito acanha,
Quando me rala a afflicção,
Quando nem tenho na terra
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano
Livras meu peito arquejante,
Seccas-me o pranto, que os olhos
Estão vertendo abundante.

Tu pacifícas minha alma,
Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,
Tu és o ser creador,
Tu és o amor, és a vida,
Tu és meu Deus, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora:
—Tu és o Deus do universo,
O Deus que minha alma adora!

A. Gonçalves Dias

AQUELLA VELHA!

Aquella velha, coitada!
Se lhe soubessem a vida,
Não passaria na estrada
Assim desapercebida.

Vive só; mas vive agora,
Que n'um tempo já volvido,
Houve na casa em que mora
Filhos, netos e marido.

Morreu primeiro o marido
D'uma morte desastrosa:
Com o coração partido
Resou por elle, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos
No tempo da epidemia:
Ella com os mesmos modos
Resou de noite e de dia.

Ficára só com tres netos;
Morreram de tenra idade:
E ella, viuva de affectos,
Venceu, resando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta
Aquella alma atribulada?
E' a fé, que lhe alimenta
Uma crença inabalada.

Ai, quem me dera esse alento
N'estes combates da sorte!
Que paz para o pensamento!
Que paz na hora da morte!

Julio Diniz

HYMNO DE AMOR

Andava um dia
Em pequenino,
Nos arredores
De Nazareth,
Em companhia
De São José,
O Deus-Menino,
O Bom-Jesus.
Eis senão quando
Vê n'um silvado
Andar piando
Arrepiado
E esvoaçando
Um rouxinol,
Que uma serpente
De olhar de luz
Resplandecente
Como a do sol,
E penetrante

Como diamante,
Tinha attrahido,
Tinha encantado.

Jesus, doído
Do desgraçado
Do passarinho,
Sáe do caminho,
Corre apressado,
Quebra o encanto;
Foge a serpente;
E de repente
O pobresinho,
Salvo e contente,
Rompe n'um canto
Tão requebrado,
Ou antes pranto
Tão soluçado,
Tão repassado
De gratidão,
D'uma alegria,
Uma expansão,
Uma vehemencia,
Uma expressão,
Uma cadencia,
Que commovia
O coração!

Jesus caminha,
No seu passeio;
E a avesinha
Continuando
No seu gorgeio,
Em quanto o via:
De vez em quando
Lá lhe passava
A' dianteira,
E mal pousava,
Não afrouxava
Nem repetia,
Que redobrava
De melodia!

Assim foi indo
E o foi seguindo.
De tal maneira
Que noite e dia
N'uma palmeira,
Que havia perto
Donde morava
Nosso Senhor
Em pequenino,
(Era já certo)
Ella lá estava
A pobre ave

Cantando o hymno
Terno e suave
Do seu amor
Ao Salvador!

JOÃO DE DEUS

O CAÇADOR

E A DONZELLA ENCANTADA

O caçador vai á caça
A' caça de montaria:
Os cães já leva cançados,
O falcão perdido havia.
Andando se lhe fez noite,
Por uma mata sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que ali via.
Foi a levantar os olhos,
Vio cousa de maravilha:
No mais alto da ramada,
Uma donzella tão linda!
Dos cabellos da cabeça
A mesma arvore vestia,
Da luz dos olhos tão viva
Todo o bosque se allumia.

Ali falou a donzella,
Já vereis o que dizia:
—Não te assustes, cavalleiro,
Não tenhas tanta agonia:
Sou filha d'um rei coroado,
De uma bemdita rainha.
Sete fadas me fadaram,
Nos braços de mi'madrinha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia:
Hoje se acabam os annos,
Amanhã se conta o dia.
Leva-me, por Deus t'o peço,
Leva em tua companhia.
—Espera-me aqui, donzella,
Té amanhã, que é o dia:
Que eu vou-me a tomar conselho,
Conselho com minha tia.—
Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia!
—Oh, mal haja o cavalleiro,
Que não teve cortezia:
Deixa a menina no monte,
Sem lhe fazer companhia!

Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter co'a tia...

Já voltava o cavalleiro,
Apenas que rompe o dia;
Corre por toda essa mata,
A enzinha não descobria.
Vai correndo e vai chamando,
Donzella não respondia:
Deitou os olhos ao longe,
Vio tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia.
Levavam a linda infanta,
Que era já contado o dia.
O triste do cavalleiro
Por morto no chão caía;
Mas já tornava aos sentidos
E a mão á espada metia:
—Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo co'a vida.

ROMANCE POPULAR

BARCA BELLA

—

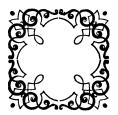
Pescador da barca bella,
Onde vais pescar com ella,
Que é tão bella,
Oh pescador?

Não vês que a ultima estrella
No céo nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Deita o lanço com cautella,
Que a sereia canta bella...
Mas cautella,
Oh pescador!

Não se inrede a rede n'ella,
Que perdido é remo e vela,
Só de vel-a,
Oh pescador!

Pescador da barca bella,
Inda é tempo, foge d'ella,
Foge d'ella,
Oh! pescador!

ALMEIDA GARRETT

A TEMPESTADE

—Minha mãe, eu tenho medo
Muito medo dos trovões!
—Cobra animo, meu filho,
Reza as tuas orações.

Deita-te aqui no meu collo;
Chega-te bem, meu amor:
Os trovões que estás ouvindo
São castigo do Senhor.

Dize-me agora em segredo,
Fizeste hoje mal a alguem?
Talvez mentisses, meu filho?
Quem mente nunca faz bem.

—Hoje não, que me não lembra;
Hontem sim, isso menti:
Minha mãe, será castigo
Que vem por amor de mim?

—A culpa é leve, meu filho,
Para castigo tão crú.
A' tua mãe não se mente:
Diz, que mais fizeste tu?

—Hontem, brincando, queimei-me,
Queimei-me n'aquella luz;
Com a dor talvez falasse
No inimigo da cruz.

—Falar no demo é peccado,
Isso é, que eu bem o sei:
Mas castigo só por isso,
E' tão grande... não direi.

—Não me lembro de mais nada;
Só se foi... mas isso não,
Por não ter dado a um pobre
A metade do meu pão.

—Pois o castigo, meu filho,
E' pela esmola não dar;
Deves depressa chamal-o
Se elle tornar a passar.

—Minha mãe, o pobresinho
E' aquelle que além vem.

—Vae já buscal-o, meu filho,
Que bastante fome tem.

Olha agora, vês as nuvens
Como ellas fugindo vão?
Desde que o pobre chamaste
Já se não ouve o trovão.

A caridade, meu filho,
E' um preceito de Deus;
A quem a cumpre devéras
Ajuda-lhe Deus os seus.

—Pois hei-de dar mil esmolas,
Quando chegar a ser rei;
Hei-de cumprir como devo
Com os preceitos da lei.

—E's muito criança ainda!
Quem dá aquillo que tem
Cumpre um santo mandamento,
Não tem inveja a ninguem.

Olha o céo, como está lindo!
Vae pelos campos brincar,
Que o pobresinho cá fica,
Ha-de comnosco jantar.

L. A. Palmeirim

AVE, MARIA!

—

No sino da freguezia
Tres badaladas ouvi.
Sobre a terra humida e fria,
De joelhos, mesmo aqui,
Oremos, que é findo o dia:
Ave, Maria!

Descendo da serrania,
Já o pastor ao curral
Os fartos rebanhos guia:
De abundancia, ao de hoje igual,
Dá-lhe amanhã outro dia,
Virgem Maria!

A mãe, que o filhinho cria,
Já no berço o vae deitar:
Um somno tranquillo envia
Sobre o seu tecto pousar
Até ao romper do dia,
Virgem Maria!

Não deixes a ventania
As negras azas abrir:
Do p'rigo o nauta desvia,
Dá-lhe uma estrella a luzir
Como luz o sol de dia,
Virgem Maria!

Ao triste manda alegria,
Ao que tem fome dá pão,
A quem teu nome injuria
Dá sincera contricção
Antes do extremo dia,
Virgem Maria!

Ao moribundo abrevia
As horas do padecer;
Livra-o de grande agonia;
Leva-o, depois de morrer,
Ao mundo do eterno dia,
Virgem Maria!

F. Palha.

INVOCAÇÃO A DEUS

ANTES DE COMEÇAR O ESTUDO

Tu, cujo amor em canticos
Celebram sem cessar
O mundo dos espiritos,
O céo, a terra, o mar!

Senhor, acolhe as súplicas
De pobres filhos teus!
Melhora-nos! illustra-nos!
Ampara-nos, oh Deus!

A' luz disseste: Faça-se!
E a noite em luz se fez:
Dissipe igual prodigio
A sombra em que nos vês!

Nas trevas da ignorancia
Não medra o santo amor.
Illustra-nos! melhora-nos!
Senhor! Senhor! Senhor!

A. F. de Castilho

5

CANÇÃO DA ORPHÃ

(Á COSTURA)

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor.
Seu cabello era tão louro
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas,
Que caíam tão compridas,
Vinham-lhe os pés beijar.
Quando ouvia as minhas queixas,
Em suas aureas madeixas
Ella vinha-me embrulhar.

Tambem, quando toda fria,
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquecidos,
Me serviam de lençol.

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor.
Seus olhos eram suaves,
Como o gorgeio das aves
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella...
Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas,
E os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes
Foram por largos instantes
Ensinados pelos seus.
Os meus labios mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me—Deus!

Mais tarde, quando acordava,
Quando a aurora despontava,
Erguia-me a sua mão.
Falando pela voz d'ella,
Eu repetia singela
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella...
Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella que me ensinou.
As vozes que eu pronuncío,
Os cantos que eu balbucío,
Foi ella que m'os formou.

Minha mãe!—diz-me esta vida,
Diz-me tambem esta lida,
Este retroz, esta lã:
Minha mãe!—diz-me este canto;
Minha mãe!—diz-me este pranto;
Tudo me diz—Minha mãe!

Minha mãe era mui bella...
Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

L. Junqueira Freire

AS FADAS

As fadas... eu creio n'ellas!
Umas são môças e bellas,
Outras, velhas de pasmar...
Umas vivem nos rochedos,
Outras, pelos arvoredos,
Outras, á beira do mar...

Algumas em fonte fria
Escondem-se, em quanto é dia,
Sáem só ao escurecer...
Outras, debaixo da terra,
Nas grutas verdes da serra,
E' que se vão esconder...

O vestir... são taes riquezas,
Que rainhas nem princezas
Nenhuma assim se vestiu!
Porque as riquezas das fadas
São sabidas, celebradas
Por toda a gente que as viu...

Quando a noite é clara e amena
E a lua vae mais serena,
Qualquer as pode espreitar,
Fazendo roda, occupadas
Em dobar suas meadas
De ouro e de prata, ao luar.

O luar é os seus amores!
Sentadinhas entre as flores,
Ficam-se horas sem fim,
Cantando suas cantigas,
Fiando suas estrigas,
Em roca de ouro e marfim.

Eu sei os nomes d'algumas.
Viviana ama as espumas
Das ondas, nos areaes.
Vive junto ao mar, sósinha,
Mas costuma ser madrinha
Nos baptisados reaes.

Morgana é muito enganosa:
A's vezes, môça e formosa,
E outras, velha, a rir, a rir...
Ora festiva, ora grave,
E voa como uma ave,
Se a gente lhe quer bulir.

Que direi de Melusina?
De Titania, a pequenina,
Que dorme sobre um jasmim?
De cem outras, cuja gloria
Enche as paginas da historia
Dos reinos de el-rei Merlin?

Umas têm mando nos ares;
Outras, na terra, nos mares;
E todas trazem na mão
Aquella vara famosa,
A vara maravilhosa,
A varinha de condão!

O que ellas querem, n'um prompto
Fez-se ali! parece um conto...
Mesmo de fadas... eu sei!
São condões, que dão á gente,
Ou dinheiro reluzente,
Ou joias, que nem um rei!

A mais pobre criancinha,
Se quiz ser sua madrinha,
Uma fada... ai, que feliz!
São palacios, n'um momento...
Belleza, que é um portento...
Riqueza, que nem se diz...

Ou então, prendas, talento,
Sciencia, discernimento,
Graças, chiste, discrição...
Vê-se o pobre innocentinho
Feito um sabio, um adivinho,
Que aos mais sabios vae á mão!

Mas, com tudo isto, as fadas
São muito desconfiadas:
Quem as vê não ha-de rir.
Querem ellas que as respeitem,
E não gostam que as espreitem,
Nem se lhes ha-de mentir.

Quem as offende... cautéla!
A mais risonha, a mais bella
Torna-se logo tão má,
Tão cruel, tão vingativa!
E' inimiga aggressiva,
E' serpente que ali está!

E têm vinganças terriveis!
Semeiam cousas horriveis,
Que nascem logo do chão...
Lingoas de fogo, que estalam!
Sapos com azas, que falam!
Um anão preto! um dragão!

Ou deitam sortes na gente...
O nariz faz-se serpente,
A dar pulos, a crescer...
E'-se morcego ou veado...
E anda-se assim encantado,
Em quanto a fada quizer!

Por isso, quem por estradas
For de noite e vir as fadas,
Nos altos, mirando o céo,
Deve com geito falar-lhes,
Ser mui cortez e tirar-lhes
Até ao chão o chapeu.

Porque a fortuna da gente
Está ás vezes sómente
N'uma palavra que diz.
Por uma palavra, engraça
Uma fada com quem passa
E torna-o logo feliz.

Quantas vezes, já deitado,
Mas sem somno, inda acordado,
Me ponho a considerar,
Que condão eu pediria,
Se uma fada, um bello dia,
Me quizesse a mim fadar...

O que seria? um thesouro?
Um reino? um vestido de ouro?
Ou um leito de marfim?
Ou um palacio encantado,
Com seu lago prateado
E com pavões no jardim?

Ou podia, se eu quizesse,
Pedir tambem que me desse
Um condão, para falar
A lingua dos passarinhos,
Que conversam nos seus ninhos...
Ou então, saber voar!

Oh, se esta noite, sonhando,
Alguma fada, engraçando
Commigo (podia ser)
Me tocasse co'a varinha
E fosse minha madrinha,
Mesmo a dormir, sem a ver...

E que amanhã acordasse
E me achasse... eu sei! me achasse
Feito um principe, um emir!...
Até já, imaginando,
Meus olhos se estão fechando...
Deixa-me já já dormir!

ANTHERO DE QUENTAL

AS ALDEIAS

—

Eu gosto das aldeias socegadas,
Com seu aspecto calmo e pastoril,
Erguidas nas collinas azuladas,
Mais frescas que as manhãs finas de abril.

Levanta a alma ás cousas visionarias
A doce paz das suas eminencias,
E apraz-nos, pelas ruas solitarias,
Ver crescer as inuteis florescencias.

Pelas tardes das eiras, como eu gosto
Sentir a sua vida activa e sã!
Vel-as na luz dolente do sol posto,
E nas suaves tintas da manhã!

As crianças do campo, ao amoroso
Calor do dia, folgam semi-nuas;
E exala-se um sabor mysterioso
Da agreste solidão das suas ruas...

Alegram as paisagens as crianças,
Mais cheias de murmurios do que um ninho,
E elevam-nos ás cousas simples, mansas,
Ao fundo, as brancas velas d'um moinho.

Pelas noites de estio, ouvem-se os rallos
Zunirem suas notas sibilantes,
E mistura-se o uivar dos cães distantes
Com o canto metalico dos gallos...

GOMES LEAL

CHACARA DE NOSSA SENHORA DA NAZARETH

I

Em campos de Guadalete
Acabado se era o dia,
Com o dia a grande batalha,
Com a batalha a monarchia.

Os anafiles dos Mouros
Resoam brava alegria;
Dom Rodrigo, rei dos Godos,
A' redea larga fugia.

—Onde te vaes, Dom Rodrigo,
Tão só, com tanta agonia?
—Vou-me a fazer penitencia,
Que este mal Deus m'o devia.

—Ventura de Deus te guie.
—Justiça de Deus me guia.
—Boas horas, boas fadas
Vão com tua senhoria,

Que se te cobre o descanço
Ao cabo d'essa agra via.
—Boa fada é a penitencia,
Bom descanço a terra fria.

Já vae a pé do ginete,
Que mais correr não podia;
Com o saial d'um pegureiro
Trocou galas que trazia.

Assim pobre e quebrantado
Aberta uma egreja via;
Era de um mosteiro grande,
Cauliana se dizia.

Idos se eram já os monjes,
Alfaias e pedraria;
El-rei, vendo a casa nua,
Em lagrimas se fundia.

Suas faces affrontava,
Os seus cabellos carpia,
E, por de tudo ser causa,
Mui grande mal se queria.

Um só monge que ficára
(Romano por nome havia)

Lá d'onde estava pousando
Estas lastimas ouvia.

E descendo a toda a pressa,
O viu que em terra jazia,
Estirado e a côr defunta,
Aos pés da Virgem Maria.

Soccorrido do bom velho
Dom Rodrigo em si volvia,
E o segredo de quem era
Em confissão lhe dizia:

Que de seu perdido reino
Mais nada não pretendia
Senão só findar a vida
N'alguma cova sombria,

Fazendo mil penitencias
Cada hora e cada dia,
Comendo só das raizes
E pousando em terra fria.

Confessado e commungado,
Como a bom christão cumpria,
Só, qual veio, ia abalar-se;
O monge o não consentia:

—Sim que ireis, mas não sósinho,
Eu vos darei companhia;
Companhia que heide dar-vos
Nunca assim rei a teria.

Mais é que espadas e lanças,
Peões nem cavallaria,
Mais é que exercitos de anjos,
Pois é a Virgem Maria.

Nazareth, em Terra Santa,
Esta imagem possuia,
Mui venerada das gentes
Por milagres que fazia:

Mas vindo a ser perseguida
Pelas furias da herezia,
A cá se veio fugida;.
Um monge grego a trazia.

Em braços do santo velho,
(Cyriaco se dizia)
Morenita e graciosa
Oh que bem que parecia!

Elle chorava de gosto,
Ella é fama que sorria:

Acompanhavam-n'a os anjos
Com celeste melodia.

Aqui emfim cobrou templo,
Depois de tão larga via,
D'onde ampara, ha largos annos,
Esta... ha pouco monarchia!

Ora que o reino se afunde
Com ondas de mouraria,
Fuja comnosco por servos,
E com Deus por sua guia.

E ditas estas palavras,
Com grão pranto que vertia,
Os pés beijou da Senhora,
Os pés e as mãos á porfia:

E entregando-a a Dom Rodrigo
Palavras taes lhe dizia:
Dizia-as elle chorando,
E El-rei chorando as ouvia:

—Peccador, sob'rano de homens,
Sus! sus! cobrai-me ousadia!
Que a santa Rainha d'anjos,
Da Trindade companhia,

A nascida sem peccado,
Flor de toda a galhardia,
Luz que os infernos espanta,
Céo, terra e mar alumia,

Por ir-se ao mesmo desterro,
Comnosco se põe em via:
Já nada vos dê cuidado,
Que a Deus levamos por guia.

II

Deserto fica o mosteiro,
Mosteiro de Cauliana;
Peregrinos rei e monge
Hão passado o guadiana;

Guadiana, aquelle rio
Que os pés ao mosteiro lava.
Cerca das aguas o velho
Se detinha e soluçava;

E dizia, agora olhando
O mosteiro e agora a barca:
—Mais perdi eu, sendo monge,
Do que este, sendo monarcha.

Elle só perdeu estados,
Mar que nunca tem bonança,
E eu fujo-te, ai, cella minha,
Minha bemaventurança!

Ficae-vos, portas abertas,
Que mais não sereis fechadas;
Ficae, altares, viuvos
D'estas reliquias sagradas.

Comnosco vêm as reliquias,
Vós ficaes ás feras bravas...
Adeus, rouxinol dos hortos,
Que ás matinas acordavas,

Meu desvelo de trinta annos,
Minha lampada dourada,
Adeus! e adeus sepultura,
Que eu já tinha tão marcada!—

Diz; encommendam-se á Virgem,
Sua guia soberana,
E vão-se embrenhando á tôa
Pela terra luzitana.

De povoados e caminhos
Vão desviando as jornadas,

Rios e serras vencendo,
Medindo as noites cançadas,

Sustentando-se das hervas,
Orando e carpindo magoas;
Passados vinte e seis dias,
Eis o mar das muitas aguas!

O mar, espelho de estrellas,
O bento mar que buscaram!
E vendo ao pé feras rochas,
Ahi dão graças e param.

III

No cimo do monte bravo
Foram n'uma ermida entrar:
Paredes, meio delidas!
Crucifixo sobre altar!

Novas, nem signaes de gente,
Não lh'os soube a ermida dar
Mais do que uma campa rasa,
Sem letras para falar.

Era sitio de tristezas,
Tristezas vinham buscar;

E por melhor serem tristes,
Se quizeram separar.

El-rei ficou só na ermida,
Que foi mui triste ficar!
Passou Romano adiante,
Não houve muito que andar:

Nas mesmas fragas marinhas
Achou logo outro logar,
Por escondido e medonho,
Conforme ao seu desejar:

Jazia entre duas rochas,
Que se arremessam a par,
Duzentas braças a pique
Penduradas sobre o mar!

N'uma lapa, que era em meio,
Foi a Senhora assentar,
Com mil desculpas e prantos
Por tão pobre a agasalhar.

Com as magras mãos foi-lhe erguendo
(Que mais lhe podia dar?)
Paredes de pedra ensossa,
Ao som d'um longo cantar:

—Senhora dos ceus, e é este
(Lhe dizia) o teu solar?
Pobres musgos, pobres conchas,
Que alfaias para brilhar!

Em vez das harpas celestes,
Ouvirás ondas roncar;
Em vez de mil córos de anjos,
Um só velho a te guardar;

Um só velho, vaso impuro
Cheio de antigo peccar.
E em chegando a minha morte,
Que já não pode tardar,

Nem sequer um servo indigno
Terás para te guardar,
Nem uma voz quebrantada
Para o teu nome entoar.

Ninguem virá renovar-te
Os musgos do teu altar;
Virgem minha, meus amores,
Ai! quão só que has-de ficar.

Mas virá dia, algum dia,
Quando o teu filho ordenar,

Que de gente baptisada
Te vejas desencantar.

Dar-te-hão elles o que o velho
Te não pode agora dar:
Dar-te-hão casa, far-te-hão festas,
Grão fama, grão triumfar.

Juntarás aqui romeiros,
Como as ondas d'esse mar;
E contará teus milagres
Quem as areias contar.

De Nazareth, por memoria,
Terá nome este logar;
Nem sitio na christandade
Não lhe ha-de a palma levar.

Virão pobres, virão ricos,
Vir-te-hão reis a visitar,
Todos de ti, morenita,
Morenita singular,

Todos de ti namorados,
Que assim és de enamorar;
E os ossos nús do teu servo
Na terra se hão-de alegrar.—

Assim cantava Romano,
Cada dia sem faltar,
Na madrugada, ao sol posto,
A's estrellas e ao luar.

E aquella foi prophecia
Que lhe Deus quiz inspirar;
Que por seculos ávante
Se cumpriu todo o cantar.

Morto o velho, Dom Rodrigo
Se foi para não voltar;
E só se ouviam nas rochas
O vento, os corvos e o mar.

IV

Manhãs frescas de setembro,
Quando o orvalho está a cair,
Frescas manhãs de setembro,
Quem as podéra dormir!

Durma-as El-rei nos seus paços,
E o pastor no seu redil,
As aves nas suas folhas,
As feras no seu covil;

Com as damas os seus maridos;
Cada qual segundo a si;
Que para os tristes monteiros...
Taes somnos não os ha ahi!

Em luzindo a estrella d'alva,
E ainda antes do seu luzir,
Dom Fuas Roupinho alcaide
Das mantas os faz sair.

Voam corceis e sabujos;
Apupa, apupa clarim;
Que esta sina de fragueiros
Não tem descanço nem fim.

Tremei, gandaras e montes,
O' feras, fugi, fugi;
Que logo... nem pés ao gamo,
Nem val' furia ao javali;

Só se lhes valer a nevoa,
Que maior nunca se viu!
Indo todos lá perdidos,
Buzina ao longe se ouviu...

Buzina do alcaide é ella!
Vai a chamar... e a fugir!

Traz o som correi, cavallos,
Em quanto se pode ouvir;

Nem caminhos, nem atalhos;
Rasgar fragas e alcantis,
Que este apupar de Dom Fuas
E' de correr javalis!

Tudo ia em redemoinho...
Homens, corceis e mastins,
Ladridos, brados, relinchos,
Fragor de armas e clarins!

E escontra d'onde o som vinha
A's cegas era o seu ir;
E a buzina era já perto...
Quando cessou de se ouvir!

Pararam todos á escuta;
E estando a escutar assim,
Sentiram perto o mar fundo
Quebrar com muito motim.

Rompeu-se com o sol a nevoa,
E ao resplandor que luziu,
Sobre penha, que duzentas
Braças pende ao mar, se viu

Um cavallo! e o bom Dom Fuas,
Que o remessára até ali,
Saltar por terra, clamando:
—Por ti, Senhora, é por ti!

Prostrou-se humilde e deu graças,
Depois benzeu-se e surgiu.
E ora ouvireis que palavras
Aos monteiros proferiu.

V

—Entre este grande rochedo,
D'onde eu me ora ia a perder,
E ess'outro, não menos grande,
Ambos ao mar a pender,

Uma pobre ermida é posta,
Sem ninguem d'ella saber,
Senão eu, que por acaso
Um dia a cheguei a ver.

Nossa Senhora é lá dentro,
Mui gentil no parecer,
Com o filhinho nos braços,
Que não quer adormecer.

Ou anjos a lá poriam,
Ou monges de bom viver;
Ou quiçá trouce-a um desejo
De estar seus mares a ver.

Nunca a ninguem falei n'ella,
Nem ousei de a demover,
Que no semblante lhe via
Como estava a seu prazer.

Ali pois se esconde aquella
Senhora de grão poder,
Entre estas penhas, que vedes
Ambas no mar a pender,

Como um relicario ao collo
D'uma piedosa mulher,
Que entre os peitos resguardado
Refoge de aparecer.

Com Judas traidor no inferno
Sepultado quero ser,
Se não foi aquella Virgem
Quem me ora veio valer.

Andando vinha eu sosinho,
Sem me de cousa temer;

Com a nevoa não via as ondas;
Não as ouvia bater.

Surge-me além um veado;
Traz elle parto a correr;
Mas nem sabujos o alcançam,
Nem lança o poude romper.

Quanto o mais sigo, mais voa!
Satanaz deveu de ser,
Que por caçar caçadores
Se quiz veado fazer.

E andou na escolha acertado
Quando bruto assim quiz ser,
Que a unha rachada e galhos
Não teve que os esconder.

Elle corria, eu corria,
E a nevoa sempre a crescer;
Eu a apupar aos monteiros,
E ninguem a aparecer.

Vinhamos como dois raios!
Vejo-o desaparecer...
Ouvi-lhe o baque nas ondas...
Quiz o cavallo reter...

Pendo-me atraz, puxo as redeas...
Mas com a furia de correr
Já tinha as mãos sobre o abysmo,
A arquejar e se torcer...

E já lhe os pés resvalavam,
E estrebuchava a se erguer,
E ia a baquear...—Virgem! brado:
Valha-me o vosso poder!—

O mais vistes vós, que o sol
Acabava de romper
Nem maravilha mais certa
Não creio que a possa haver.

Tendo isto ouvido, os monteiros,
Cheios de grande prazer,
A' cova em tropel se foram
Graças á Virgem render.

A. F. de Castilho

AMOR FILIAL

Rompeu a aurora esplendida:
Soltam as avesinhas
A voz, em doces canticos,
E as timidas florinhas
Quão vivo aroma têm!
Em tudo, oh Deus, adoro-te;
Mas onde mais te vejo
E' quando, em meigos jubilos
De santo amor, eu beijo
Meu pae e minha mãe!

BULHÃO PATO

JESUS PEQUENINO

—

Estava Maria
A' beira do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento filho.

Lavava a Senhora,
José estendia,
Chorava o menino
Com frio que tinha.

Calae, meu menino,
Calae, meu amor!
Do mundo os peccados
Me cortam de dor...

Os filhos dos homens
Em berço dourado,
E vós, meu menino,
Em palhas deitado!

Em palhas deitado,
Em palha esquecido...
Filho d'uma rosa,
D'um cravo nascido!

Os filhos dos homens
Em berço de flores,
E vós, meu menino,
Gemendo com dores!

Os filhos dos homens
Em bom travesseiro,
E vós, meu menino,
Prezo a um madeiro!

Canção Popular.

A HERA E O ROSMANINHO

A hera e o rosmaninho
Cresciam n'um jardim;
E ao rosmaninho a hera
Falou um dia assim:

—«Comtigo a natureza
Madrasta se mostrou,
Pois para andar co'a terra
Cosido te creou.

Commigo mais propícia,
Deu-me subir ao ar,
Para á vontade os ramos
Por elle derramar.

Não vês como estou alta?
Que vasta sombra espalho!
Como do vento ao sôpro
Resisto sem trabalho!»—

—«Vejo (responde o outro)
Tudo, que dizes, vejo;
Porém, do meu contente,
Teu fado não invejo.

Tu sobes muito, é certo,
Mas com auxilio alheio,
Porque esse ulmeiro achaste
Que te serviu de esteio.

Sem elle, coitadinha,
Serpeando pelo chão,
Pisada, em pó envolta,
Metteras compaixão...

Eu pouco subo e cresço,
Mas é com meu vigor,
Nem para sustentar-me
Preciso protector.»—

Do rosmaninho approvo
O nobre parecer:
Antes ser pobre e livre
Que rico e escravo ser.

J. M. da Costa e Silva.

A LUA DE LONDRES

E' noite. O astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo céo;
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu:
Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flor;
Não traz cortejo de estrellas,
Não fala de amor ás bellas,
Não fala aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?
Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração?

Oh, que foi! Deixaste o brilho
Nas serras de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde ha fontes de crystal;
Lá onde viceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se espaneja á luz do sol;
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera
Se escutasse o rouxinol!

Tu vens, oh lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz,
Onde do bosque as madeixas
Têm já um floreo matiz.
Amaste do ar a doçura,
Do azul céo a formosura,
Das aguas o suspirar;
Como has-de agora entre gelos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraes,
Quem andou por Tejo acima,
Por cima de seus crystaes,
Quem foi ao meu patrio Douro,

Sobre fina areia d'ouro,
Raios de prata espargir,
Não póde amar outra terra,
Nem sob o céo de Inglaterra
Doces sorrisos sorrir!

Das cidades a princeza
Tens aqui: mas Deus igual
Não quiz dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal.
Aqui, a industria e as artes;
Além, de todas as partes,
A natureza sem véu;
Aqui, ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias...
Além, a terra e o céo!

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim.
Na minha terra, uma aldeia,
Por noites de lua cheia,
E' tão bella, é tão feliz!
Amo as casinhas da serra,
Co'a lua da minha terra,
Nas terras do meu paiz!

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dor,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor.
Em Portugal, o teu rosto
De riso e luz é composto;
Aqui, triste e sem clarão:
Eu lá sinto-me contente;
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia pois, oh astro amigo,
Voltemos aos puros céus;
Leva-me, oh lua, comtigo,
Preso n'um raio dos teus.
Voltemos ambos, voltemos,
Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez.
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das nuvens do céo inglez.

João de Lemos

LOUVORES DE NOSSA SENHORA

De luz se inundem os céus,
Franjem-se as nuvens de ouro,
Em honra da Mãe de Deus!
    Essa gloria, esse thesouro,
Que o Senhor tem a seu lado
E os anjos cantam em côro!
    Aquella, que o seu cuidado
E' a pobre mãe afflicta,
O orfão desamparado!
    Virgem Maria bemdita!

Curvae, arvores frondosas,
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!
    Esta é quem o céo proclama
Santa, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!
    Incansavel advogada

E protectora nos céus
De toda a alma accusada
Lá no tribunal de Deus.

Esta é quem o navegante,
Debaixo da tempestade,
Chama, invoca supplicante!
Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga,
No manto da piedade!
Que uma palavra, que diga
Ao Filho, em nosso favor,
Já o Senhor não castiga,
Condoe-se do peccador.

Oh joia primorosa
Da corôa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

A quem a flor envia
O seu primeiro aroma,
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora,
Que céo e terra encanta!

Por quem a rosa chora!
Por quem a ave canta!

A quem, por toda a terra,
A quem, por todo o mundo,
No pincaro da serra,
No valle mais profundo,

Foi levantada igreja,
Foi levantado altar,
Que ao longe nos alveja
Como um baixel no mar!

Ali se abriga a esperança,
Na grande desventura;
Ali auxilio alcança
O triste que o procura!

Ali se quebra o encanto
De mal fundado amor!
Ali se enxuga o pranto
De irreparavel dor!

Virgem Mãe do mesmo Deus!
Virgem filha de teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
N'esses ceus!

D'olhar fito n'esse olhar,
D'olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar!

Vem a onda, sobrevem
Nova onda; e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem Mãe!

Tu guardaste, em gôso e dor,
Sempre n'alma a paz d'um templo!
Foste em vida o nosso exemplo,
Mãe de Amor!

Navegando, mas de pé,
N'este mar cavado embora,
Vou na barca salvadora,
Que é a Fé!

Não me assusta a multidão
De inimigos que me aggride;
Contra a *Torre de David*
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar,
De repente forma um lago!

Basta um só reflexo vago
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
Me encaminha e me soccorre!
O meu norte é só a *Torre*
De Marfim.

Meu pharol, refúgio meu,
Sol que dia e noite brilha!
Mãe de Deus e de Deus filha!
Mãe do Céo!

JOÃO DE DEUS.

O PRIMEIRO DINHEIRO

Quando os meus quinze contei,
Um tio velho que eu tinha,
Que inda chóro e chorarei
Toda inteira a vida minha,
Disse-me um dia:—«Olhe cá;
Está quasi um homem já;
Para que por tal o tomem,
Quero fazer-lhe um presente,
        Com que um homem...
Com que um homem se apresente.»

Julguei, n'esta oração toda,
Que o tal *quasi* sobejava,
E sondei o beiço em roda
A ver se o buço apontava.
Estranhara o tratamento!
E o programma, que um portento
No tom me estava a indicar,
Fez-me, logo á introducção,
        Palpitar...
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,
E aprumando-me vaidoso,
Ouvi, meio distrahido,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom de meu tio então,
Acções junctando a promessas,
Deu-me, para meu thesouro,
    Duas peças...
Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade,
E o valor que este incidente
Outorgara á minha edade,
Dei dois pulos de contente.
As peças mirei de perto;
E não trocava de certo,
Desdenhando regias sinas,
O meu erario infantil
    Pelas minas...
Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria
De tão grosso cabedal
Passei o resto do dia,
E de noite dormi mal.
No meu somno, a cada instante,

Via um grupo fulgurante
De effigies taes, que não sei
Quem as tivera inventado;
E sonhei...
E sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,
Posto a pé antes do sol,
Quiz tomar, por ali fóra,
Os meus desejos a rol.
Ai, que diversos e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito
Para mim:
Para mim era inda estreito.

Meditava seriamente
Se faria a acquisição
D'um relogio com corente,
Ou d'um cavallo rabão.
Como escolhesse o cavallo,
Entrei logo a ajaezal-o.
Mas... mas o relogio!... Aqui,
Pensando com mais estudo,
Resolvi...
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto,
(Já fresca outoniça aragem
D'um dia depois de Agosto
Ciciava entre a folhagem)
Fui ao moinho do outeiro,
Onde o Domingos moleiro,
Porque ás vezes me deixara
Trotar do seu macho em cima,
    Conquistara...
Conquistara a minha estima.

De o deslumbrar de apparatos
A pia tenção levava;
Mas fui achal-o nos tratos
D'uma terçã que o prostrava.
Cessara o motim festivo:
Solitario e semi-vivo,
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarellas
    N'um montão...
N'um montão de rotas velas!

Chamei-o: nem respondia!
Busquei: tudo lhe faltava!
Quando eu afflicto saía,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,

Negro pão de dois penando!...
Em tal desarrimo e dor,
Tirando a peça primeira,
    Fui-lh'a pôr...
Fui-lh'a pôr á cabeceira.

Que nunca ninguem se esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saudades da peça,
Mas tinha orgulho na acção!
Ficara aos sonhos metade
Entre os braços da piedade.
Pago e ufano como um rei,
Bem que no caso a scismar,
    Caminhei...
Caminhei para o Logar.

Um pardieiro, entre rosas,
Havia do Povo á entrada,
Junto ás ruinas musgosas
D'uma ermida derrocada.
Vivia n'esta casinha
A tia Anna—uma velhinha
Que sabia muita historia,
E m'as contava ao serão,
    Co'a memoria...
Co'a memoria da affeição.

Em versos, um tanto baldos,
Modulava-me ella ainda
As trovas de *Dom Reinaldos*
E o romance da *Florinda*.
Fugia a noite apressada,
Ao sabor d'essa toada,
Em tão suspenso escutar,
Que o meu sentido primeiro
    Foi chegar...
Foi chegar a cavalleiro.

Uma vaquinha leiteira,
Alvas malhas, pello nedio,
Era a sua companheira
E tambem o seu remedio.
Conhecia-lhe a canção
E vinha comer-lhe á mão,
Quando não pascia á porta.
Chego, e a falla me abandona!...
    Vejo-a morta...
Vejo-a morta aos pés da dona!

Dera-lhe o mal de repente;
Para morrer ali fôra!
Meigo o olhar intelligente
Inda carinhos implora!...
A pobre velha, coitada,

Sem voz, trémula e parada,
Olhava, olhava tambem
Como quem, na dor que encerra,
    Mais não tem...
Mais não tem quem ver na terra.

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas,
Que da propria sympathia
São as vozes indiscretas.
A velha não se moveu...
E chorava!... E chorei eu!...
Que havia determinar,
Em miseria tão expressa,
    Senão dar...
Senão dar-lhe a outra peça?

Puz-lh'a, mudo, no regaço;
E volvi a passos lentos,
Apagando, n'um só traço,
Desejos com sentimentos!
Senti o fausto perdido:
Mas não foi de arrependido!...
Dissipada já deixava
A phantastica opulencia;
    Mas levava...
Mas levava a consciencia!

J. da Silva Mendes Leal

PSALMO

O nome do Senhor seja louvado
Na terra e nas alturas:
Louvem-no estrellas, lua, sol dourado
E angelicas creaturas.

Louvem-no de continuo os céus profundos
E as aguas lá de cima;
Louvem o nome do que fez os mundos
E a todo o ser anima;

E, dando luz a cada ser creado,
Poz-lhe um preceito, que hade
Permanecer constante, inquebrantado,
Por toda a eternidade!

Louve-o quanto na terra se sustenta,
Louve-o até o inferno;
Louve-o a tempestade, que rebenta
Fiel á voz do Eterno.

Louve-o o monte, que a sua cumiada
A's nuvens alevanta,
Louve-o a arvore de fructos avergada,
Louve-o a esteril planta.

A ave, que voa, a fera, o bicho immundo
Louvem-no a cada instante.
Povos e reis, novos e velhos... tudo
Em tudo o louve e cante!

CANDIDO DE FIGUEIREDO

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES DE CASTROMARIM

Candida Virgem dos Martyres,
Formosa Virgem Maria,
Quem contará teus milagres,
Quem contal-os poderia?
Escutae-me agora attentos
Este, que é de tal valia
Que a todos que o bem conhecem
Faz espanto e maravilha.

Captivo d'um perro mouro,
Em terras de mouraria,
Debaixo de duros ferros,
Um pobre christão vivia.
Negro pão e agua turva
Só lhe davam por medida.
De manhã até á tarde
A um moinho moia;
E á noite o perro infiel,

Com medo que lhe fugisse,
N'um caixão grande o fechava,
Muito forte em demasia.
Depois, em cima deitado,
Em tom de mofa dizia,
Como quem Deus não conhece,
Esta horrivel heresia:
—Livre-te d'aqui agora
A tua Virgem Maria!—
Chorava o pobre christão,
Mas seus males não carpia:
A blasphemia que escutava
Era o que só lhe doía.
Todo em lagrimas banhado,
D'esta maneira dizia:
—Senhora, que não castigas
Esta grande aleivosia!

Se elle bem a invocava,
Melhor a Senhora o ouvia.
Uma noite, á meia noite,
O caixão que se movia!
Sem que ninguem lhe tocasse,
Ao mar direito corria:
O mouro, no melhor somno,
Em cima d'elle dormia.
Já lá vae por essas aguas,

Cercado de ondas se via:
Adeus, terra de mourama!
A terra ao largo fugia.
Assim tres noites vogaram,
Tres noites e mais dois dias:
O mouro, como encantado,
Do somno não se bulia.

Já desponta a manhã clara,
Manhã do terceiro dia:
Novas areias se mostram,
Novos céus, nova alegria!
Já perto se ouve roncar
O mar pela penedia;
O ladrar de muitos cães
Por toda a costa se ouvia.
Da torre o gallo tres vezes
Este milagre annuncia:
Os sinos do campanario
Repicavam á porfia,
Sem que ninguem os tangesse,
Porque tudo inda dormia.

Com os sinos acorda o mouro,
Sem atinar com o que via;
Já mui contricto e humilhado
Para o captivo dizia:

—Christão, que terra é esta
De tão alta senhoria?
Na tua terra, christão,
Cantam gallos á porfia,
Tocam sinos, ladram cães,
Logo ao despontar do dia?
—Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia...
Na minha terra, senhor,
Cantam gallos á porfia,
Ladram cães, repicam sinos,
Logo ao despontar do dia...
—Ergue-te, christão, perdoa-me
Todo o mal que eu te fazia:
Hontem eras meu escravo;
Teu servo sou n'este dia.

Para ver este milagre
Toda a gente ali corria;
Com seus gibões encarnados
Os da justiça assistiam.
Já todos vão, já se partem,
Caminho da santa ermida;
O mouro, por Deus tocado,
D'esta maneira dizia:
—Oh mãe de Deus poderosa,
Piedosa Virgem Maria,

Perdoae-me os meus peccados,
Que eu christão me tornaria!—
Eis que aos pés da Virgem Santa
D'agua uma fonte se abria;
Tão crystallina e tão pura,
Que linda que ella corria!
Com esta agua bemdita,
Agua de tanta valia,
Foi logo ali baptisado
O mouro da Barbaria.
E para maior milagre,
Ao cabo de sete dias,
Mesmo no meio das aguas
Um verde freixo nascia;
Tão copadinho e tão verde,
Oh que bem que parecia!

Desde então ficou a Virgem
Tendo grande romaria;
De Portugal e Castella
Tudo ali corre em seu dia.

ROMANCE POPULAR.

O TEMPORAL

I

—Ai! senhora Margarida,
Deus é pai: porém castiga
Por tal modo, que eu não sei
Em verdade o que lhe diga.
Fui á seára e encontrei
O meu trigo todo em terra.
Ora veja: quem não tem
Outro remedio na vida...
—Senhora Rosa, eu tambem
Soffri com o temporal.
Fui ver o meu olival,
Estavam todas no chão
As mais fortes oliveiras.
Reparei depois na vinha
E cortou-me o coração
Ver sem folhas as videiras,
Vel-as sem um bago d'uva.
—Confortemo-nos, visinha,
Uns aos outros.
—Não é nada

O que vimos comparado
Com a sorte da viuva
Que vive lá na ribeira.
—E' mulher bem desgraçada!
—O filho foi p'ra soldado,
Foi morto o homem na feira
E com esta trovoada,
Para cumulo de dor,
Morreu a filha afogada.
—Bemdito seja o Senhor!

II

Era por fins de maio. A primavera
Vestira o dia de pomposa gala;
Hymnos e aromas a floresta exhala,
O sol resplende na azulada esphera.

O rouxinol a estrophe crystallina,
Desde a noite, modula, infatigavel,
Canta d'amor um extasi ineffavel
E canta os ais de quem de dor se fina.

Alegra o musgo a alcantilada rocha;
No retiro d'escuros arvoredos
Dizem as rôlas intimos segredos,
E em cada flor um beijo desabrocha.

As borboletas, em choreia alada,
Brilham á luz do sol com vivas cores;
A abelha anda a cuidar nos seus lavores,
Furtando á flor a essencia perfumada.

Pela tarde, porém, ao longe assoma
Nuvem imperceptivel,
E pouco a pouco vae subindo e toma
Figura mais visivel.

De ponto negro, torna-se colosso;
A sua forma rara
Parece em fim um gigantesco esboço
D'algum monstro que o Chaos debuxara.

E' plumbea a côr do espaço e,de repente,
Com impeto esfusia
E queima a ventania
Como vapor d'uma cratera ardente.

A nuvem paira em tanto
No alto da montanha;
A sua forma estranha
Causa terror e espanto.

O raio já fulgura,
Minaz trovão rebomba:

A precavida pomba
O ninho seu procura.

Quando a rajada freme,
Quando o trovão estala
Até o solo abala...
O crente e o impio treme.

No topo da collina
O pegureiro chora
E o lavrador implora
A compaixão divina.

Accendem-se nos lares
Fogos de ramos bentos.
As mattas com os ventos
Ululam como os mares.

Semelham, bracejando,
Com uivos delirantes,
Combate de gigantes,
Cruel, feroz, nefando.

Nos carvalhaes estrugem
Fortissimas rajadas,
—Indomitas manadas
De bufalos que mugem.

Juncam a terra arbustos,
E com profundos roncos
No solo caem troncos
Viçosos e robustos.

Correm das cumiadas
As turgidas torrentes,
Bem como umas serpentes
Disformes, assanhadas.

No valle o rio empola
Em altas cachoeiras,
Invade as sementeiras,
Que n'um momento assola.

III

—Já fui lá baixo á ribeira,
O' senhora Margarida.
Estava a mãe a chorar
Assentada junto ao lar
Com a pequena á fogueira,
Mas sem ter signal de vida.
—Que desditosa viuva!
Como lhe contou o caso?
—Eu lhe digo: Como a chuva
Desabasse n'esses montes

De improviso, estava a mãe
A dobar uma meada
E a pequena mais além
No açude da levada,
Cantando, lavava um lenço,
Sem susto da trovoada.
Pelos modos treme a terra,
Rebenta a nuvem na serra,
Cresce o rio de repente
E vem com ruido immenso,
Galgando cada penedo.
A pequena teve medo,
Ficou sem poder fugir.
Apenas ouve a torrente,
Vae a mãe para salval-a;
Porém foi redonda ao chão,
Sem sentidos e sem falla.
—Ai que dor de coração!
—Afinal accudiu gente,
Que mora perto do rio,
Foi tirada a innocente
Já com seu corpinho frio.
—Tão medonho temporal,
Com tamanho prejuizo
Nunca vi!
—Até julguei
Que era o dia do juizo.
—Para todos foi fatal;
Porém como á Leonor,
A' viuva desgraçada...
—Que pena eu tenho! coitada!
—Bemdito seja o Senhor!...

IV

Passára o temporal, como vertigem,
Ou desespero de feroz loucura.
O ceo é mais azul, e o sol fulgura,
Dourando a terra que parece virgem.

Recomeçam as aves seu descante,
A fresca flor o seu aroma espalha,
E o sol parece um rei que passa ovante
Sobre os destroços de cruel batalha.

A. de Azevedo Castello Branco

8

O DESERTO DO ALTO AMAZONAS

Eis o deserto!... um deserto
Das regiões americanas!
Os Pampas são ali perto,
Ficam além as Guyanas...
Vinte leguas, cem, duzentas,
Mais talvez de quatro centas...
Quem sabe quantas serão?
Sente-se o homem pequeno
Perante o immenso terreno
D'essa eterna solidão!

O cactus agigantado,
Como guarda do horisonte,
De enormes flores toucado,
Ante vós levanta a fronte:
—Solitaria sentinella
Que attenta vigia e vella,
Porque não passeis além.—
Ai do que se precipita

N'essa amplidão infinita
D'onde não volta ninguem!

Mas sentis não sei que abalo,
Não sei que desejo incerto
De impellir vosso cavallo
Atravez d'esse deserto...
E' o abysmo que fascina;
Tudo que a mente imagina
Querem os olhos gosar:
O vago, o desconhecido,
Ir onde ninguem tem ido,
Isso vos ha-de tentar.

Sois ousado e cavalleiro?
Sabeis affrontar a morte?
O cavallo é bem ligeiro?
Votae-vos a Deus e á sorte!
Mettei balas na clavina;
A faca de ponta fina
Que vos não caia ao correr;
Largae redea, dae d'esporas;
Um dia são doze horas,
Mas tendes muito que ver.

Andae caminho de leste,
Vede como o sol discorre;

Se vos perdeis para oeste
E' mais um que por lá morre.
A galope!— como o vento,
Quasi como o pensamento,
Vosso cavallo arrancou;
Os lagos, o monte, a selva,
Os prados de verde relva,
Já tudo ao longe ficou.

Livre sois em novo mundo,
Um mundo de immensidade!
N'este silencio profundo
Reina eterna a liberdade.
Mas o horisonte não morre!
Mais vosso cavallo corre,
Mais elle foge de vós;
E na distancia uniforme
Dorme o céo e a terra dorme,
Devastada, muda, atroz!

Vendo cançar o cavallo,
Cedeis tambem fatigado;
Não sentis o mesmo abalo
Que vos tinha enthusiasmado.
Quereis voltar.—Para onde?...
Todo o vestigio se esconde,
Nada vos póde guiar...

Nem o sol: do dia em meio,
Como vai ou d'onde veio
Já não podeis affirmar.

Silencioso, frio e morto
O deserto vos suspende;
Vossa vista sem conforto
Debalde ao longe se estende.
Nem uma nascente pura!
Nem um ramo de verdura
Que vos livre do calor!
O ar parece uma chama
Que vossos pulmões inflama
Sob um céo abrazador!

O cavallo triste, inquieto,
Sem alento afrouxa os passos;
Do paiz ao mudo aspecto
Como vós mede os espaços.
Interroga o solo ardente;
Vê com magoa o chão candente
Queimando a vegetação;
Vê só terras calcinadas,
E nas plantas abrazadas
Refrigerio busca em vão.

Busca em vão nos horisontes
Os bosques dos cacaoeiros,
O lago, a crista dos montes,
Os cimos dos cajueiros.
De repente, erguendo a crina,
Ao longe fita a campina,
E parte, e corre veloz!
Largae a redea ao cavallo,
Não cureis de governal-o
Que sabe mais do que vós.

Escutae... um grito rouco
Distante nos ares sôa...
O cavallo, quasi louco,
Ouvindo-o, não corre, vôa!
Lá fogem vinte veados
Do seu galope assustados:
Novo rugido estrugiu,
Mais temeroso e mais perto!
Fugir! que o rei do deserto
A carne humana sentiu.

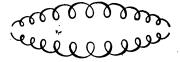
Já pouca esperança resta...
Do tigre a furia redobra;
Eis que se avista a floresta,
E o cavallo animo cobra.
Mais ardente corre e vôa,

Mais nos seus ouvidos sôa
Da fera ardente o correr!
Nenhum a victoria cede;
Cada qual o espaço mede
Aonde conta vencer.

Aqui se acaba o deserto:
Chega o cavallo primeiro;
Porém, com o peito aberto,
Cae sobre o seu cavalleiro.
O tigre rugindo avança!
Já como um raio se lança...
Tendes a faca na mão?
Espreitae-lhe o movimento...
—A vida cessa um momento,
Não vos pulsa o coração!—

Suspende o tigre a corrida,
Na floresta os olhos fita...
Uma onça enfurecida
Sobre elle se precipita!
Trava-se lucta furiosa
Entre os dois; lucta horrorosa,
Que assusta, que faz pavor!
—Tomae a vossa clavina;
Se o terror vos não fascina,
Fugi—se tendes valor.

Deixae o vosso cavallo,
Do vencedor será preza;
Vós não podeis levantal-o,
Fôra loucura a defeza.
As duas feras, que luctam,
O seu cadaver disputam;
Por elle vivo ficaes.
Dizei adeus ao deserto;
Dizei-lhe adeus — estou certo
Que saudades não levaes.

F. Gomes de Amorim

CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava,
Chorava e razão havia,
Vivendo tão descontente;
Seu pae por casar a tinha.
Acordou El-rei na cama
Ao pranto que ella fazia:
—Que tens tu, querida infanta,
Tu que tens, oh filha minha?
—Senhor pae, o que hei-de eu ter
Senão que me peza a vida!
De tres irmãs que nós eramos,
Solteira eu só ficaria.
—Que queres tu que eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Cá vieram embaixadas
De França e de Normandia;
Nem ouvil-as não quizeste,
Nem fazer-lhes cortezia...
Na minha côrte não vejo

Marido que te daria...
Só se fosse o conde Yanno,
Mas esse mulher já tinha.
—Ai, rico pae da minha alma,
Pois esse é que eu queria.
Mandae-o chamar, meu pae,
Da vossa parte e da minha:
Que mate a sua condessa
E case com vossa filha:
Traga-me a cabeça d'ella
N'esta dourada bacia.

Manda El-rei chamar o conde,
Sem saber o que faria:
Que lhe viesse fallar...
Sem saber que lhe diria.
—Inda agora vim do paço,
Já El-rei lá me queria!
Ai, será para meu bem?
Ai, para meu mal seria?

Entrou pelo paço dentro,
A El-rei fez cortezia:
—Beijo as mãos a vossa alteza;
Que quer vossa senhoria?
Responde-lhe agora o rei
Com grande melancholia:

—Beijae, que mercê vos faço;
Casareis com minha filha.
Cuidou de caír por morto
O conde que tal ouvia:
—Senhor rei, que sou casado
Já passa mais de anno e dia!
—A condessa matareis,
Casareis com minha filha.
—Senhor, como hei-de matal-a,
Se a morte não merecia?
N'esta vida nem na outra
Deus m'o não perdoaria!
—Ha-de morrer a condessa,
Que eu assim o decidia.
Quero ver sua cabeça
N'esta dourada bacia.

Foi-se embora o conde Yanno,
Muito triste que elle ia.
Um pagemzinho adeante
Levava a negra bacia:
O pagem ia de lutto,
De lutto o conde vestia.
A condessa, que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filhinho nos braços
Para abraçal-o corria.

—Bem vindo sejaes, meu conde,
Bem vinda, minha alegria!
Elle sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palacio,
Cousa que nunca fazia:
Mandou logo pôr a ceia,
Como quem lhe apetecia.
Sentaram-se ambos á meza,
Nem um nem outro comia:
As lagrimas eram um rio
Que pela meza corria.
—Que tens tu, querido conde,
Que [illegible] tu, oh vida minha?
Conta-me as tuas tristezas
Como contas a alegria:
Tira-me já d'estas ancias;
El-rei o que te queria?
Antes me mates, meu conde,
Que eu ver-te n'essa agonia!
—Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrannia!
Manda-me El-rei que te mate,
Que case com sua filha.
Quer ver a tua cabeça
N'esta dourada bacia.

Cuidou de cair por morta
A condessa que isto ouvia.
—Cala, cala, conde Yanno,
Que inda remedio haveria;
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria:
Tomar-me-hão por solteira,
Por solteira eu me daria;
Criarei este innocente,
Que a outra não criaria.
—Ai, como pode isso ser,
Condessa da minha vida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta dourada bacia?
—Cala, cala, conde Yanno,
Que remedio inda haveria:
Metter-me-has n'um convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-hão o pão por onça
E a agua por medida:
Eu lá morrerei de pena,
E a infanta o não saberia.
—Ai, como pode isso ser,
Condessa da minha vida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta maldita bacia?
—Fecháras-me n'uma torre,

Nem sol nem lua veria,
As horas da minha vida
Por meus ais as contaria.
—Ai, como pode isso ser,
Condessa da minha vida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta dourada bacia?

Estando n'estas razões,
El-rei que á porta batia:
—Se a condessa não é morta,
Que elle então a mataria.
—A condessa não é morta,
Mas está na agonia.
—Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu sabia.
—Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.
—Ai, quem podera rezar,
Oh virgem santa Maria!
Que eu não me peza da morte,
Peza-me da aleivozia:
Mais me peza de ti, conde,
E da tua covardia!
Deixae-me dizer adeus
A tudo o que eu mais queria;
A's flores d'este jardim,

A's aguas da fonte fria.
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus flor da Alexandria!
Guardae-me vós, meus amores,
Que outrem me não guardaria.
Deem cá esse menino,
Entranhas da minha vida;
D'este sangue de meu peito
Mamará por despedida.
Mama, meu filhinho, mama,
D'este leite da agonia;
Que até agora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria,
Amanhã terás madrasta
De mais alta senhoria...

Tocam os sinos na Sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filhinho ao peito,
Respondeu... que maravilha!
—Morreu, foi a nossa infanta
Pelo mal que cá fazia:
Descasar os bem casados,
Cousa que Deus não queria.

ROMANCE POPULAR

CANTO DE GUERRA DO GALLO

Co'as pennas hirtas para mim avança;
Não me deslumbra a tua acesa vista;
Hei-de ensopar meu triumphante bico
Nas crespas rendas d'essa rubra crista!

Afia embora os esporões agudos,
Hei-de vencer-te, oh rude antagonista:
Hei-de montar sobre o teu collo altivo,
Ensopar-te de sangue a regia crista!

Provocaste-me á liça, a mim fidalgo,
Tu, oh gallo peão de casta mixta!
Has-de pagar bem caro essa arrogancia,
Has-de ficar sem tua regia crista!

Fóra da minha estirpe de fidalgo,
Sangue real não pode ser que exista:
Arrogaste o poder! Rei te saudo,
Rei das gallinhas! ficarás sem crista!

Quando eu passar pelo cercado, ao longe,
Abaixarás humilde o bico e a vista;
Que eu sou o rei das mais gentis gallinhas,
Que eu sei erguer a minha regia crista!

Ha-de seguir-te em toda a parte o espectro
Da minha nobre e celebre conquista:
Será manhã... não cantarás teu hymno,
Nem jamais erguerás a regia crista.

Has-de, oh gallo peão de casta ambigua,
Sentir que eu fui valente antagonista;
Eu cantarei meu hymno de triumpho,
Tu correrás de minha nobre vista;
Tu, infamado, marcharás humilde,
Eu erguerei a minha regia crista!

L. Junqueira Freire

AS DUAS REDEMPÇÕES

A UMA MENINA, ESCRAVA, QUE NO MESMO DIA ERA BAPTISADA E RECEBIA A LIBERDADE

Inda uma vez, tanjamos
A lyra, e mais um hymno
Consinta-me o destino
Erguer nos cantos meus,
Que vá, de sons profanos
Despido e desquitado,
Em vôo arrebatado,
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrella
No berço da innocencia
Derrama a providencia
De duas redempções;
Mostrando uma alma limpa
Do crime primitivo,
No corpo d'um captivo
Que quebra os seus grilhões.

Que assumpto mais merece
Um hymno de poesia?
Que dia tem mais dia?
Que feito tem mais luz?
Do captiveiro um anjo
Quebrando infames laços,
A' cruz estende os braços
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deus o anjo
Na filiação da graça,
E o ser que o crime embaça
Punio a redempção!
E o homem, dissipando
Do berço insano aggravo,
Em menos um escravo
Abraça um novo irmão!

Que fôras, innocente,
Que fôras, n'esta vida,
Da escravidão perdida
No barbaro bazar?!
Pobre rôla ferida
Da infamia pelo espinho,
Em que ramo, em que ninho
Te havias de aninhar?

Criança, sem afagos,
Temendo-te altiveza,
Querendo-te a vileza
Plantar no coração,
Dariam-te, nos gestos,
Nas vestes, no aposento,
Na meza, no alimento,
Sómente—escravidão!

Criança .. mas sem veres
Da infancia as verdes côres...
Donzella... sem amores...
Talvez alma sem Deus!
Lá fôras arrastada
Da vida pelos trilhos,
E, triste! nem teus filhos
Seriam filhos teus!

O' vós, que hoje lhe destes
O dom da liberdade,
Que junto á divindade
Mataes a escravidão,
Ao trovador propicios,
De acção tão excellente
Em culto reverente...
Guardae esta canção.

LAURINDO RABELLO

SALVÈ RAINHA

Salvè Rainha, Mãe
Da paz e da concordia!
Mãe de misericordia!
Fonte de todo o bem!

Rainha! nossa *vida!*
Doçura, esperança nossa!
Da mais humilde choça,
Aos altos céus querida!

Salvè Rainha eterna,
De throno inabalavel!
Soberana sempre affavel!
Rainha sempre terna!

A vós, *a vós bradamos,*
Cá d'estes descampados,
Por onde *os degredados,*
Os *filhos de Eva* andamos.

Por vós, n'estes anceios
De insupportavel dor,
Ah *suspiramos* cheios
De saudade e amor!

Gemendo e sempre assim
Chorando o nosso mal,
N'este profundo *valle*
De lagrimas sem fim!

Das nuvens *eia pois,*
Oh *advogada nossa,*
Rompa um clarão que possa
Mostrar-nos já quem sois.

Sim: *esses vossos olhos*
Tão *misericordiosos,*
Que tornam os abrolhos
Lyrios deliciosos,

A nós volvei, Senhora
De céo, e mar e terra!
Onde o que ha bom se encerra,
Que todo o mundo adora.

E se um viver sem luz
Expia tanto erro,

Depois d'este desterro
Mostrai-nos a Jesus!

Oh Mãe sempre *clemente!*
Oh Mãe sempre *piedosa!*
Mãe sempre carinhosa!
Mãe sempre complacente!

Oh nossa *doce* Mãe!
Oh *sempre Virgem* pura!
Excelsa creatura,
Fonte de todo o bem!

Maria! a nossa voz
Ouvi-a lá nos céus!
Rogai, *rogai por nós*
Oh *santa Mãe de Deus!*

Para que auxiliados
D'essa divina graça
Nós, filhos da desgraça
E pobres desherdados,

Sejamos (ás avessas
Do mal que nos attráe)
Ah *dignos das promessas*
De Christo — Deus e Pae!

JOÃO DE DEUS.

EXPERIENCIA

—

Conta a fabula que um dia
No monte estava um pastor:
Era de tarde; fazia
Um tempo esplendido; a côr
Do occaso punha vermelhas
As aguas lisas do mar.
Na relva, as brancas ovelhas
Pastavam manso pastar.

Lá na extrema do horisonte,
Que bem longe se avistava,
N'esse momento passava
Uma vela peregrina...
O pastor vio-a do monte...
E poz-se a meditar
Na sua misera sina
De levar a vida inteira
N'esse pobre apascentar
Os seus rebanhos, em quanto
Que essa vela aventureira
Ia ganhar tanto! tanto!
E era tão manso o mar!

Eil-o que rapido se ergue,
A ambição todo o acende...
Já sem mais demora vende
O rebanho, o campo, o albergue.
Que sonhos grandes que tem!
Que de visões seductoras!
A's verdes ondas traidoras
Aventura-se tambem.

Cedo voltou... abatido,
Pobre naufrago, sem nada!
Chorava o albergue perdido
E a pacifica manada...
Mas trabalha e recupera
Os calmos bens que tivera.

E quando, á tarde, no monte,
Foi sentar-se, como d'antes,
E vio limpido o horisonte
E velas brancas distantes,
E as ondas verdes e planas,
Disse, lembrado, e sorrindo:
—Oh mar, estás muito lindo,
Mas a mim já não me enganas!

Lucio de Mendonça

ROMANCE DA BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

Postos estão frente a frente
Os dois valorosos campos;
A um lado el-rei Maluco,
Sebastião do outro lado:
Moço rei Sebastião,
Valente e determinado...
Ai, se como eras valente,
Fosses bem aconselhado!
E já os mouros sem conto
Suas hostes vão cercando,
Que por cada um dos seus
São elles desoito tantos.
Manda el-rei, que nada teme,
De peleja deitar bando;
A' frente dos seus galopa,
Clamando: a elles! Santiago!
Já dispara a artilheria,
Vão os mouros recuando;
Mas tornam logo mais firmes,
Todo o campo rodeando.

Rodeiam o campo todo,
Já o sangue faz um lago:
Sebastião destemido
Corre a um lado e ao outro lado.
Traz a lança rota e a espada
Tinta em sangue até ao cabo;
Varado por tres pelouros,
Já lhe cáe morto o cavallo.
Vê Dom Jorge d'Albuquerque
Este lance desesperado;
Dom Jorge, que por dez feridas
Se está em sangue escoando,
E já mal sustém a lança,
Mal se sustém a cavallo.
—Senhor (brada com esforço)
Deixae-vos vós, e salvae-vos;
Ajudae-me a desmontar
E tomae o meu cavallo—
Palavras não eram ditas,
Salta do cavallo a baixo;
Mas as forças lhe fallecem
E cae por terra expirando.
Ao vel-o, que assim jazia,
Sebastião solta um brado:
—Ai de mim, até que extremo
Aqui me vejo chegado,
De aceitar, com tua morte,

A vida, que já desamo!
Mas espera, amigo, espera,
Não será por grande espaço:
Que o rei, que sabe morrer,
Morre ao pé de seus vassallos!—
Isto dizendo, com magoa,
Monta o cavallo d'um salto;
Com furia se torna aos mouros,
Onde o combate é mais bravo:
Busca morrer, dando mortes,
Busca a morte Sebastião,
Bradando: agora é a hora!
Esta morte é salvação!

ROMANCE DO SECULO XVI
(RESTAURADO)

O SEBASTIANISTA

Que lindas barbas nevadas
Aquelle velho não tem!
Foram nascidas, creadas,
Como não pensa ninguem!
Cortal-as, não corta o velho!
São-lhe as barbas um espelho
Da sua crença leal:
Dias e noites á barra,
Consulta no seu Bandarra
A sorte de Portugal!

Consulta! tem fé n'aquillo;
Poz no livro o coração:
Interpreta-lhe o sigillo,
Lê n'elle—Sebastião!
Conhece, soletra o dia
Em que a velha monarchia
Do sepulchro surgirá.
E' propheta! até nos marca
As horas a que o monarcha
D'além mundo voltará!

D'além mundo! Da batalha
Por milagre se escapou;
Renegando da mortalha,
Da c'rôa não renegou!
Ha-de vir. Nas prophecias
Dos modernos Isaias,
Ha uma que diz assim:
—«Se conservarem afinco,
No anno d'um tres e um cinco,
Espere o povo por mim.

«Quem se atreve a ler as sinas
D'este meu condão real,
Soletre nas cinco quinas
Os fados de Portugal.
Traduzidas, combinadas,
Trazem as eras marcadas,
As eras da redempção;
Não as leiam os profanos,
Que inda tem de passar annos
Antes d'esta traducção!

«Portugal, nunca vencido,
Antes sempre vencedor,
Pelo meu braço remido,
Cobrará novo vigor.
Mais verá quem tiver vista

Seguirem do rei a pista
Estranhos, novos pendões;
Das terras d'além do Ganges,
Avançarem as phalanges
Dos portuguezes leões!

«Montado no seu cavallo,
N'um dia de cerração,
Quem quizer pode ir esperal-o,
El-rei Dom Sebastião.
N'esta terra, que é tão minha,
Haverá então rainha
Governando Portugal.
Mas quer Deus que haja em Lisboa
Quem do reino se condoa,
Dando-lhe a voz de real!»

Se alguem duvida do dia,
Aqui lhe ponho os signaes,
Como reza a prophecia,
Como ella reza, não mais.
—«Como sagrada vedeta,
Verás no ceo um cometa
De grandeza colossal;
Verás tambem com espanto
O corpo d'um grande santo
Em terras de Portugal.

«Andarão todos em guerra
Por essas terras alem;
Nem nas cabanas da serra
Viverá em paz alguem.
Por tres noites e tres dias,
Haverá mil agonias,
Que eu aqui vos não direi;
Andará tudo de lucto,
Sem os campos darem fructo,
Sem ninguem seguir a lei!»

Mas passados sete dias,
E sete noites tambem,
Lá dizem as prophecias,
Não deve temer ninguem.
Não deve: que do nascente,
Segundo crê muita gente,
Virá vindo a cerração;
E, depois d'ella desfeita,
Surgirá a velha seita
D'el-rei Dom Sebastião!

E depois, por muitos annos,
Viverá o bom do rei,
Ensinando a nós profanos
A crermos na sua lei.
Tudo então será festejo...
Parece que já o vejo,
Moço ainda, a governar;
Sem de Alcacer ter saudade,
Sem de novo ter vontade
De para lá se tornar.

L. A. Palmeirim

NOSSA SENHORA DA SAUDE

A Senhora da Saude
Só ella póde brilhar;
Tem a sua capellinha
Levantada á beira-mar.

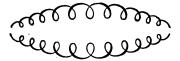
Oh Senhora da Saude,
A vossa capella cheira,
Cheira ao cravo, mais á rosa,
Mais á flor da larangeira.

Oh Senhora da Saude,
Sois pequenina e bem feita;
Livrae os homens do mar,
Dae-lhe a vossa mão direita.

Oh Senhora da Saude,
Que daes aos vossos romeiros?
—Dou agua da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

Oh Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Dae-me vós o vosso amparo
Que eu serei vossa romeira.

Oh Senhora da Saude,
Virgem, Senhora e Rainha,
Chamae-me vós afilhada
Que eu vos chamarei madrinha.

Canção Popular.

DOM BELTRÃO

—« Quedos, quedos, cavalleiros,
Que el-rei os manda contar! — »
Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar:
Era esse Dom Beltrão,
Tão forte no batalhar:
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio
Nos portos do mal passar.
Deitam sortes á ventura
A qual o ha-de ir buscar;
Que ao partir fizeram todos
Jura e promessa no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se interrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem o ha-de ir buscar,
Todas sete lhe caíram
Ao bom velho de seu pae.

Volta redeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem fallar...
Que lhe a sorte não caíra,
Nunca elle havia ficar.

Triste e só se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vae pelo valle;
Aos pastores perguntando
Se viram ali passar
Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal.
Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por essa ribeira fóra
Ninguem não o viu passar.
Vae andando, vae andando,
Sem nunca desanimar,
Chega áquella mortandade
Onde fôra Roncesvalles.
Os braços já tem cançados
De tanto morto virar;
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atraz o triste velho,
Voltou por um areal,

Viu estar um perro mouro
Em um adarve a velar;
— «Por Deus te rogo, bom mouro,
Me digas sem me enganar,
Cavalleiro de armas brancas
Se o tu viste aqui passar.
Hontem á noite seria,
Horas de o gallo cantar.
Se entre vós está captivo,
A ouro o hei-de pesar.
— «Esse cavalleiro, amigo,
Diz-me tu que signaes traz.
— «Brancas são as suas armas,
Seu cavallo tremedal,
Na ponta da sua lança
Levava um branco sendal;
Que lh'o bordou sua dama,
Bordado a ponto real.
— «Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal.
Sete feridas no peito
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,

Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.
— « Não tórno a culpa a meu filho,
Nem aos mouros de o matar;
Tórno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar. —
Milagre! quem tal diria,
Quem tal poderá contar!
O cavallo meio morto
Ali se poz a fallar:
— « Não me tornes essa culpa,
Que m'a não pódes tornar:
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e redea
Co'a sanha de pelejar.
Tres vezes me apertou cilhas,
Me alargou o peitoral...
A' terceira fui a terra
D'esta ferida mortal. — »

ROMANCE POPULAR

A PRIMAVERA

—

Namorou-se uma princeza
D'um pagem loiro e gentil;
Chama-se ella — Natureza,
Chama-se o pagem — Abril.

A primavera opulenta,
Rica de cantos e cores,
Palpita, anceia, rebenta
Em cataclismos de flores.

O olhar d'oiro das boninas
Contempla o azul: ao vel-as,
Dir-se-hia que nas campinas
Caíram chuvas d'estrellas.

Entre as sebes orvalhadas
Dos rumorosos caminhos
As madresilvas doiradas
Tapam as boccas dos ninhos.

Os negros melros farçantes
Dão rizadas zombeteiras
Dos loureiraes verdejantes
Nas luminosas trapeiras.

A gentil, mimosa Flora
Abriu os olhos ideaes;
Os seus pés da cor da aurora
Andam nús sobre os trigaes.

Vae a correr e a atirar
Co'as roseas mãos pequeninas
Borboletas para o ar,
Lilazes para as campinas.

Polvilha de oiro e de prata
O campo, o bosque, o vergel;
Aos seus labios de escarlata
Vae buscar a abelha o mel.

Seus peitos entumecidos
São dois montes feiticeiros,
Todos cobertos, floridos
Com selvas de jasmineiros.

Os insectos deslumbrantes,
Inflamados como brasas,

São ametistas, diamantes,
São carbunculos com azas.

Uns, feitos para a batalha,
Tendo a guerra por destino,
Vestiram cotas de malha
De aço e bronze e de oiro fino.

Outros, artistas mimosos,
Têm librés resplandecentes
Dos veludos mais preciosos,
Das rendas mais transparentes.

Tudo ri e brilha e canta
N'este divino esplendor:
O orvalho, o nectar da planta,
O aroma, a lingua da flor.

Enroscam-se aos troncos nús
As verdes cobras da hera.
Radiosos vinhos de luz
Scintillam pela atmosphera.

Entre os loureiros das matas,
Que crescem para os heroes,
Dá o luar serenatas
Com bandas de rouxinoes.

E' a terra um paraiso,
E o céo profundo lampeja
Com o ineffavel sorriso
Da noiva ao sair da igreja.

GUERRA JUNQUEIRO

A ENGEITADA E A ORPHÃ

—Porque choras tu, anjinho?
—Tenho fome e tenho frio.
—E só por este caminho,
Como a ave que cahiu
Ainda implume do ninho!
A tua mãe já não vive?
—Nunca a vi em minha vida.
Andei sempre assim perdida,
Mãe certamente não tive.
—E's mais feliz do que eu...
Que tive mãe, e morreu!

João de Deus

ELEVAÇÃO A DEUS AO ANOITECER

Fui-me sentar meditativo e triste
No cimo da montanha magestosa;
Como se desejasse esta alma anciosa
Mais perto estar de Deus.

O sol no occaso illuminava ainda
Os valles, que a meus pés se assombreavam,
E as nuvens, que suspensas ondulavam
No oceano dos ceus.

Resei: Salve, oh Eterno! O dia expira,
A rosa como o lyrio o viço perde;
De mil campinas se esvaece o verde
E até o azul do céo:

Mas vem narrar os astros tua gloria!
Em vão o sol ao occidente corre;
Mais brilha então teu nome, que não morre,
Das sombras entre o véo.

E' que a têla dos ceus é mais augusta,
Mais digna de teu nome ter escripto,
Tendo estrellas em numero infinito,
Como é o teu poder:

E o socego da noite é mais solemne
Para os echos da musica celeste,
Que tem o ramalhar de alto cypreste,
O teu nome a dizer.

E amanhã romperá de novo a aurora;
E, pintando de Deus a immensidade,
O sol contemplará com magestade
O mar, a terra, os ceus!

Fallam n'elle o trovão, e o sopro da aura,
O raio, e a luz timida da serra,
E os innumeros soes que o espaço encerra...
Em tudo e sempre—Deus—

J. S. da Silva Ferraz

A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta
De igreja rustica e antiga,
Velha trémula e mendiga
Implorava compaixão.
Quasi um seculo contado
De atribulada existencia,
Eil-a enferma e na indigencia,
Que á piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam
A distancia, na alameda;
Uma trajava de seda,
Da outra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre,
Ambas loiras e formosas,
Nas faces a cor das rosas,
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos,
Vencida pelo cançasso,
Vio a mendiga—e ao regaço
Uma esmola lhe lançou.

Ella recebe-a; e a criança,
Que a soccorre compassiva,
Em prece fervente e viva,
Aos anjos encommendou.

De um ligeiro sentimento
De vaidade possuida,
A' criança mal vestida
Disse a do rico trajar:
—«O prazer de dar esmolas
A ti e aos teus não é dado;
Pobre como és, coitado,
Aos pobres o que has-de dar?»

Então a criança pobre,
Sem más sombras de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da igreja se aproximou;
E após, serena, em silencio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrindo-se, ajoelha,
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga, alvoroçada,
Ao collo os braços lhe lança,
E beija a pobre criança,
Chorando de commoção!

E' assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola;
Nem só da mão sae a esmola,
Sae tambem do coração.

JULIO DINIZ

ROMANCE DE GOESTO ANSURES

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Seis donzellas encontrara,
Seis donzellas encontrei;
Para ellas caminhara,
Para ellas caminhei;
Chorando a todas achara,
A todas chorando achei;
Logo ali lhes perguntara,
Logo ali lhes perguntei,
Quem foi que ousou maltratal-as,
Tratal-as de tão má lei.

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Uma d'ellas respondera:
— «Cavalleiro, não no sei...
Mal haja, mal haja a terra
Que tem mau e fraco rei!

Que se eu as armas vestira,
Por minha fé, que não sei
Se homem ousara levar-me,
Levar-me de tão má lei...
Com Deus ide, cavalleiro,
Ide com Deus, que não sei
Se onde me falais agora
Nunca mais vos falarei—»

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Eu então lhe replicara:
—« Por minha fé, não irei;
Antes olhos d'essa cara
Bem caros os comprarei;
A longas terras distantes,
Só por seguir-vos, me irei;
Por caminhos desvairados
A traz de vós andarei;
Lingoas moiras de aravias
Por vós eu as falarei;
Moiros, se me apparecerem,
A todos os matarei.—»

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.

N'isto o moiro que as guardava
Perto d'ali encontrei:
Se elle bem me ameaçava,
Eu melhor o ameacei;
Um tronco secco esgalhara,
Um tronco secco esgalhei;
Com elle a todos matara,
A todos desbaratei;
As donzellas libertara,
Todas seis as libertei;
Aquella que me falara
Com ella me casarei.
No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.

ROMANCE ANTIGO: POSTO EM LINGUAGEM MODERNA POR A. DE Q.

A CARIDADE

—

Do pobre ao rico ha distancias
Cortadas por muito abysmo,
Que a sorte, ou, quem sabe? o egoismo
De espaço a espaço afundou.

Salva-as com aereos passos
Meiga virgem da piedade;
Chamou-lhe Deus Caridade,
E o mundo o nome exalçou.

A' noite, a virgem modesta,
A casta filha de Deus,
Furta-se aos hymnos da festa
E, envolta em candidos veus,

Desce a escada sumptuosa;
Mãe aos maus, irmã dos bons,
Lá vai levar carinhosa
A toda a parte os seus dons.

Aqui, perfuma, suavisa,
Como a aragem matinal,
Velho que triste agonisa
Na enxerga d'um hospital.

Sae; busca afflicta viuva
Na sobre-loja sombria,
E aquece na mão sem luva
Mão pobre, engelhada e fria.

D'ali, sobe a estreita escada,
São-lhe guia afflictos ais,
E encontra na agua-furtada
Filhos nús, famintos paes;

E leva esmola e carinho
Ao casal desventurado,
Que foi armar o seu ninho
Entre os musgos d'um telhado.

Onde assoma o transparente
Sendal da candida fada,
Tudo é formoso e ridente
Como os prismas da alvorada:

As rugas caem das frontes;
Os prantos fogem dos olhos;

As rochas abrem-se em fontes;
Brotam lyrios dos abrolhos.

Se descerra os purpurinos
Labios de finos rubis,
Suas palavras são hymnos
Que Deus acceita e bemdiz!

C'roa de mysticas flores
Lhe entretece a loira trança;
Nos olhos riem-lhe amores;
Na alma, a fé; no seio, a esp'rança.

E quando emfim desparece
Aos infelizes da terra,
E, após a nocturna prece,
Pousa a face e os olhos cerra,

Velam-lhe o leito os carinhos,
Que ella deu a tanta dor;
As preces dos pobresinhos;
E, á cabeceira, o Senhor!

THOMAZ RIBEIRO

ROSAS NO INVERNO

A UMA VELHINHA, QUE TRAZIA UM PRESENTE DE ROSAS

Trazeis-me rosas; d'onde as heis trazido,
Boa velhinha e minha boa amiga?
Rosas no inverno! permitti que o diga,
Sois feiticeira: donde as heis colhido?

Na primavera de meus annos, ólho,
Mas vejo abrolhos e não vejo flores:
E vós colhel-as, como as eu não colho...
Sois feiticeira—infeitiçaes de amores.

Infeitiçaes; que a formosura, crede,
Não vem da face avelludada e bella:
A formosura vem só d'alma: é d'ella
Que brota a fonte que nos mata a sede.

Vós sois velhinha, já não tendes cores
Que o rosto animem e que os olhos prendam;
Mas tendes prendas que o amor accendam,
Tendes ainda no inverno... flores.

João de Deus

O FILHO MORTO

No povo de alem da serra
Vai a noite em mais de meio,
E a pobre da mãe velava
Unindo o filhinho ao seio.

«Acorda, meu filho, acorda,
«Que esse dormir não é teu;
«E' como o somno da morte
«O somno que a ti desceu.

«Tarda-me já um sorriso
«Nos teus labios de rubim;
«Acorda, meu filho, acorda,
«Sorri-te ledo p'ra mim.»

Mas o pobre doentinho
Em seu regaço expirou;
E a mãe o cobriu de beijos,
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
Dois dias chorou tambem;
Ao terceiro, o sino triste
Dobrou á morte de alguem.

E á noite, no cemiterio,
Outro jazigo se via:
Era a mãe, que ao pé do filho
Na sepultura dormia.

Soares de Passos

AOS PEQUENINOS

Além tocam os sinos,
Que vozes! que harmonia!
E' o tom da Ave-Maria,
Que por vós todos clama.
De joelhos, pequeninos
Que o Pae do céo vos chama!

Seus canticos divinos
O orgão solta agora,
Por vós todos implora
A luz que o céo derrama.
De joelhos, pequeninos,
Que o Pae do céo vos chama!

Ouvis os sacros hymnos,
Que entoa vossa Mãe,
A supplicar tambem
Por vós? Quanto vos ama!
De joelhos, pequeninos,
Que o Pae do céo vos chama!

Orae, orae, meninos,
Na terra com fervor,
E se o divino amor
Já vos atrae e inflamma,
Erguei-vos, pequeninos,
E' Deus que ao céo vos chama!

J. Simões Dias

A DONZELLA QUE VAE A' GUERRA

—Pregoadas são as guerras
Entre França e Aragão;
Ai de mim, que já sou velho,
As guerras me acabarão!
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!—
Responde ali a mais nova,
Com toda a resolução:
—Venham armas e cavallo,
Que eu serei filho varão.
—Tendes os olhos mui vivos,
Filha, conhecer-vos-hão.
—Quando passar pela armada
Porei os olhos no chão.
—Tendes os hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.
—Venham armas bem pesadas,
Os hombros abaixarão.
—Tendes os peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.

—Venha gibão apertado,
Os peitos abaterão.
—Tendes as mãos delicadas,
Filha, conhecer-vos-hão.
—Venham já luvas de ferro,
Grosseiras parecerão.
—Tendes os pés pequeninos,
Filha, conhecer-vos-hão.
—Calçarei botas de esporas,
Nunca d'ellas sairão.

—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não!
—Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco ao pomar,
Porque se elle for mulher
A' maçã se ha-de pegar.—
A donzella, por discreta,
O camoez foi apanhar.
—Oh que bellos camoezes
Para um homem cheirar!
Lindas maçãs para damas,
Quem lh'as podera levar!
—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;

Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não!
—Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar;
Porque se elle for mulher
No estrado se ha-de encruzar.—
A donzella, por discreta,
No escano se foi sentar.
—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração,
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não!
—Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco feirar;
Porque se elle for mulher
A's fitas se ha-de pegar.—
A donzella, por discreta,
Foi uma espada apreçar.
—Oh que bella espada esta
Para com homens brigar!
Lindas fitas para damas,
Quem lh'as podera levar!
—Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração,
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não!
—Convidae-o vós, meu filho,

Para comvosco nadar;
Porque se elle for mulher
O convite ha-de escusar.—
A donzella, por discreta,
Com elle se foi ao mar...
Lá no meio do caminho
Um pagemsinho a acenar.
Cartas traz o pagemsinho,
Cartas de grande pesar:
Toma as cartas a donzella,
Põe-se a ler, põe-se a chorar.
—Novas me chegam agora,
Novas de grande pezar,
De que minha mãe é morta,
Meu pae se está a finar.
Os sinos da minha terra
D'aqui os ouço dobrar...
—Monta, monta, cavalleiro,
Que te quero acompanhar.—
Já chegam a uns altos paços,
Foram-se logo apear.
—Senhor pae, trago-lhe um genro,
Se o quizer aceitar:
Foi meu capitão na guerra,
Falou-me para casar...
Se ainda me quer agora,
Com meu pae ha-de falar.

Sete annos andei na guerra
E fiz de filho varão.
Ninguem me conheceu nunca
Senão o meu capitão:
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra cousa não.

Romance Popular.

A UMA GATINHA

Amas, pobre animal, e tens tu pena?...
Ah! póde na tua alma entrar piedade?
Se póde entrar, eu sei! Negar quem ha-de
Amor ao tigre, coração á hyena!

Tudo no mundo sente: o odio é premio
Dos condemnados só, que esconde o inferno.
Tudo no mundo sente: a mão do Eterno
A tudo deu irmão, deu par, deu gemeo.

A mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto...
Esta fera, que as unhas encolhendo
Pelos hombros me trepa e vem correndo
Beijar-me... Só não vivo! amado existo!

João de Deus

VOZES DOS ANIMAES

Palram pega e papagaio
E *cacareja* a galinha;
Os ternos pombos *arrulham*;
Geme a rôla innocentinha.

Muge a vaca; *berra* o touro;
Grasna a rã; *ruge* o leão;
O gato *mia*; *uiva* o lobo,
Tambem *uiva* e *ladra* o cão.

Relincha o nobre cavallo;
Os elephantes dão *urros*;
A timida ovelha *bala*;
Zurrar é proprio dos burros.

Regouga a sagaz rapoza
(Bichinho muito matreiro);
Nos ramos *cantam* as aves;
Mas *pia* o mocho agoureiro.

Sabem as aves ligeiras
O canto seu variar;
Fazem ás vezes *gorgeios*,
A's vezes põem-se a *chilrar*.

O pardal, damninho aos campos,
Não aprendeu a cantar;
Como os ratos e as doninhas,
Apenas sabe *chiar*.

O negro corvo *crocita*;
Zune o mosquito enfadonho;
A serpente no deserto
Solta *assobio* medonho.

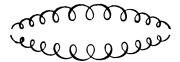
Chia a lebre; *grasna* o pato;
Ouvem-se os porcos *grunhir*;
Libando o succo das flores,
Costuma a abelha *zumbir*.

Bramam os tigres, as onças;
Pia, pia o pintainho;
Cucurica e *canta* o gallo;
Late e *gane* o cachorrinho.

A vitellinha dá *berros*;
O cordeirinho, *balidos*;

O macaquinho dá *guinchos*;
A criancinha, *vagidos*.

A falla foi dada ao homem,
Rei dos outros animaes.
Nos versos lidos acima,
Se encontram, em pobre rima,
As vozes dos principaes.

PEDRO DINIZ

A ROMARIA

—Ai que linda vae a festa,
Que vistosa romaria!
Só eu, coitada, não tenho
Quem me seja companhia.

Se alguem me levasse á festa,
Aqui mesmo juraria,
Co'o proprio demo casar-me
Dentro d'um anno e um dia.—

Palavras não eram ditas,
Eis que um moço lhe apparecia,
Mui cortez e mui guapo,
Que estas falas lhe dizia:

—Aceito o teu juramento;
Dentro d'um anno e um dia,
Lembra-te bem que disseste:
Com o demo eu casaria!

Agora já te não falta
Quem te faça companhia;
Podes vir commigo á festa,
Ver a santa romaria!—

E' bem de ver como a pobre
De susto não ficaria:
Caíu no chão de joelhos,
Rezando á Virgem Maria!

Desbotada como um lyrio,
Ora chorava e tremia,
Ora convulsa rezava,
Mas nem palavra se ouvia.

Immovel, petrificada,
D'ali se não desprendia:
Viva imagem do remorso,
Contrafeita se sorria.

Té que uma voz a desperta,
Que estas palavras dizia:
—Serás minha desposada
Dentro d'um anno e um dia!

O juramento que déste
Já ninguem t'o quebraria.

Podes vir commigo á festa
Ver a santa romaria!—

Ao ouvir estas palavras,
Como se fosse magia,
D'aonde presa estivera
A coitada se movia.

Enfeitada para a festa,
Tremendo os passos seguia
Do vulto que taciturno
Lhe ia servindo de guia!

Atravessou pela aldeia,
Como a pobre não iria!
Sempre a dizer em voz baixa:
—Valha-me a Virgem Maria!

Valham-me todos os Santos
Que minha mãe me dizia
Serem conforto e esperança
No momento da agonia.

Valha-me a Cruz!—De repente
Olhou a pobre, e não via
Quem até ali a levára,
Quem lhe servira de guia!

Passou um mez e mais outro,
Passou um anno e um dia,
Depois d'aquelle em que fôra
A' festa da romaria.

Na mesma noite, na aldeia,
Um vulto negro apparecia,
Que em voz alta o juramento
D'alguem da terra pedia.

Tudo na aldeia era susto,
Tudo de medo tremia:
Mas a que vinha o phantasma
Ninguem ao certo sabia.

Só quem jurára casar-se
Um anno antes havia,
A que o phantasma ali vinha,
Coitada d'ella, sabia!

Sabia por seus peccados,
E a tremer se benzia,
Sempre que o vulto bradava:
— Passou um anno e um dia! —

Mais uma noite passára,
Outra talvez passaria,

Sem que o phantasma dissesse
O que ali preso o trazia.

A não ser que quando tudo
Inda na aldeia dormia,
O sino grande da torre
Sem mão de homem se tangia.

E no dobrar compassado,
A triste sorte carpia
D'alguem, que no lance extremo
A taes horas se sentia!

E em lagrimas banhada,
A' Virgem santa pedia
Perdoasse a quem devéras
Morrendo se arrependia!

Que o juramento que dera
Sem remorsos o cumpria,
Desposando a sepultura
Antes d'um anno e um dia!

L. A. Palmeirim

A ADORAÇÃO DE ABEL

Adorae, montanhas,
Adorae, verduras,
O Deus das alturas!
Adorae, desertos
E serras floridas,
O Deus dos secretos,
O senhor das vidas!
Ribeiras crescidas,
Louvae nas alturas
Deus das creaturas!
Louvae, arvoredos
De fructo pesado;
Digam os penedos:
Seja Deus louvado!
E louve o meu gado,
Por estas verduras,
O Deus das alturas!

Gil Vicente

O BOM REITOR

—

Sabem a historia triste
Do bom reitor?
Misero, toda a vida
Levou com dor.

Fez quanto bem podia,
Mas... a final
Morre, e na pobre campa
Nem um signal,

Nem uma cruz ao menos
Se ergue do chão!
Geme-lhe só no tumulo
A viração.

Vêdes alem, na relva
Junto ao rosal,
Flores que ha desfolhado
O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde:
A creação
Paga-lhe assim a divida
De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram curvando a fronte
Para resar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As criancinhas nuas,
Que estremeceu,
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral vizinho,
Ao pôr do sol,
Vae-lhe carpir saudades
O rouxinol.

Lagrimas... pobre campa!
Ai, não as tem.

Só da manhã o orvalho
    Rocial-a vem.

Da solitaria lua
    A triste luz
Grava-lhe, em vagas sombras,
    Estranha cruz.

E elle repousa, dorme,
    Vive no céo;
Dorme esquecido e humilde,
    Como viveu.

JULIO DINIZ

SÚPPLICA

Jesus! se o mundo se agita,
Dá-me descanço, Jesus!
Faz'-me grama parasita
Encostada ao pé da cruz.

Faz'-me insecto da ramada
Que ninguem vê na amplidão:
Quero, á sombra do meu nada,
Perder-me na solidão.

Faze-me fonte na serra
Que ninguem bebe nem vê:
Tira-me os mimos da terra,
Mas dá-me as crenças e a fé!

Que eu sinta sempre o teu nome
Misturar-se aos prantos meus;
E morra embora de fome,
Mas bemdizendo-te, oh Deus!

THOMAZ RIBEIRO

A DONZELLA ENCANTADA

Em um castello doirado
Dorme encantada donzella:
Nasceu... e vive dormindo;
Dorme tudo junto d'ella.

Adormeceu-a, sonhando,
Um feiticeiro condão,
E dormem no seio d'ella
As rosas do coração.

Dorme a lampada de prata
Defronte do leito seu:
Immovel, a lua triste
Dorme pallida no céo.

Voam os sonhos errantes
Do leito sob o docel,
E suspiram no alaúde
As notas do menestrel.

E no castello, sósinha,
Dorme encantada donzella:
Nasceu... e vive dormindo;
Dorme tudo junto d'ella.

Dormem, cheirosas abrindo,
As roseiras em botão,
E dormem no seio d'ella
As rosas do coração.

M. A. Alvares de Azevedo

PADRE NOSSO

Pae nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos;
A ti erguemos as mãos
E levantamos a voz:

A ti, *que estás* lá *no céo,*
E nos lanças com clemencia,
Do vasto estrellado véu,
Os olhos da Providencia!

Bemdito, *santificado*
Seja o teu nome, Senhor!
Inviolavel, sagrado
Na bocca do peccador!

E *venha a nós o teu reino!*
Acabe o da vil cubiça!
Reine o amor á justiça
Que prégava o Nazareno;

De modo que *seja feita*
A tua santa *vontade,*
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade!

Seja feita, *assim na terra*
Como no céo, onde habita
Esse, cuja mão encerra
A creação infinita!

O pão nosso, n'esta lida
De cada dia, nos dá·
Hoje, e basta... a luz da vida
Quem sabe o que durará!

E *perdôa-nos, Senhor,*
As nossas dividas; sim!
Grandes são, mas é maior
Essa bondade sem fim!

Assim como nós (se é dado
Julgar-nos tambem crédores)
Perdoamos de bom grado
Cá *aos nossos devedores.*

E não nos deixes, bom Pae,
Cahir nunca *em tentação;*

Que o homem, por condição,
Sem o teu auxilio cahe!

Mas, tu, que não tens segundo
E muito menos igual,
Dá-nos a mão n'este mundo,
Senhor! *livra-nos do mal!*

João de Deus

A ANDORINHA FERIDA

Já despe galas
A natureza,
Véu de tristeza
Tudo envolveu;
Desfolha o outomno
No prado as flores,
Densos vapores
Sobem ao ceo...

Gemem os ventos
Nas fundas matas;
Das cataractas
Dobra o fragor;
Calam-se os cantos
Na umbrosa selva;
Da humilde relva
Cresce o verdor.

Nas nossas terras
O sol desmaia;
O alcyon na praia
Triste gemeu;

Aves errantes,
Cruzae os mares,
De outros logares
Buscae o céo.

E as andorinhas
Vão-se juntando,
Bando após bando,
Na beira-mar;
Deixam as neves
Já eminentes,
Auras clementes
Vão demandar.

Chama-as o instincto,
Que á turba alada
Indica a estrada
Da emigração.
Mas, ai, na selva
Jaz esquecida
Uma, ferida
Por cruel mão!

Debalde a victima
Da má ventura
Inda procura
O vôo erguer.

Debalde: exanime
Cae na floresta;
Já lhe não resta
Senão morrer...

Ella ouve o canto
Das companheiras,
Vê-as ligeiras
Passar alem:
Chama-as, não lhe ouvem
A voz sumida,
Que na fugida
Nada as detem!

—«Oh companheiras
De horas felizes,
A outros paizes
Passaes sem mim?
Sob os rigores
Do triste outomno,
Ao abandono
Deixaes-me assim?

«Tu, doce amiga,
Fiel esposa,
Nem tu, saudosa,
Vens ter aqui?!...

Mas vae, que o inverno
Tardar não deve;
Fugi da neve,
Irmãs, fugi!

Ide a esse clima
Que vos espera;
Na primavera
Regressareis:
Voltando á sombra
D'esta verdura,
A desventura
Me chorareis.»—

Calou-se. Eis subito
Trazem-lhe os ventos
Debeis lamentos
De triste voz.
Ouve-os, levanta-se,
A dor esquece,
Canta... emmudece
E morre após...

Eis que da moita
D'ali visinha
Uma andorinha
Gemendo sae;

Ao ver do esposo
A triste sorte,
Tambem da morte
Ferida cae.

E sobre os mares
O alado bando
Vae demandando
Outro paiz.
E cedo a neve
Do frio inverno
Esconde o terno
Par infeliz.

JULIO DINIZ

FÉ

As orações dos homens
Subam eternamente aos teus ouvidos;
Eternamente aos teus ouvidos soem
Os canticos da terra.

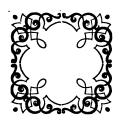
No turvo mar da vida,
Onde em parceis do crime a alma naufraga,
A derradeira bussola nos seja,
Senhor, tua palavra.

A melhor segurança
Da nossa intima paz, Senhor, é esta;
Esta a luz, que ha-de abrir á estancia eterna
O fúlgido caminho.

Ah, feliz o que pode,
No extremo adeus ás cousas d'este mundo,
Quando a alma, despida de vaidade,
Vê quanto vale a terra;

Quando das glorias frias
Que o tempo dá e o mesmo tempo some,
Despida já, os olhos moribundos
Volta ás eternas glorias;

Feliz o que nos labios,
No coração, na mente põe teu nome,
E só por elle cuida entrar cantando
No seio do infinito!

MACHADO DE ASSIS

CANTICO DA MANHÃ

Que alvor, que amar, que musica,
Nos céos, em mim, no ar!
A festa da existencia
Me vem resuscitar!
Nasço a cantar com os passaros!
Surjo a brilhar com a luz!
Envolta em rosas candidas
Ledo retomo a cruz!

Fonte do Ser! Espirito!
Mysterio creador!
Eis-me! saí d'um tumulo,
Como da terra a flor.
Eis-me! eu te escuto. Emprega-me.
Senhor, que vou fazer?
«Ama» bradou voz intima,
«Amar cifra o dever.»

A. F. DE CASTILHO

O VAGALUME

Quem és tu, pobre vivente,
Que passas triste sósinho,
Trazendo os raios da estrella
E as azas do passarinho?

A noite é negra, raivosos
Os ventos sopram do sul;
Não temes, doido, que apaguem
A tua lanterna azul?

Quando appareces, o lago
De estranhas luzes fulgura;
Os mochos voam medrosos,
Buscando a floresta escura.

As folhas brilham, reflectem,
Como espelhos de esmeralda;
Fulge o iris nas torrentes
Da serrania na fralda.

O grilo salta das sarças,
Pulam genios nos palmares,
Começa o baile dos sylphos
No seio dos nenuphares.

A tribu das borboletas,
Das borboletas azues,
Segue teus giros no espaço,
Mimosa gotta de luz.

São ellas flores sem haste,
Tu és estrella sem céo;
Procuram ellas as chamas,
Tu amas da noite o véo.

Onde vaes, pobre vivente,
Onde vaes triste, mesquinho,
Levando os raios da estrella
Nas azas do passarinho?

L. Fagundes Varella

A FILHA DA MOLEIRA

Oh senhora mãe,
Deixe-me ir á festa
Que não ha nenhuma
Mais linda do que esta.

Arcos, fogo e musica,
Arraial tão lindo!...
E moços e moças
Conversando e rindo.

Ir lá tambem posso:
Já não sou pequena,
Sou da mesma idade
Da Rita Morena.

Já sei molinhar
Como um bom moleiro,
No moinho do milho
E mais no alveiro.

Quem faz d'estas cousas
Já não é criança;

Já pode ir ás festas,
Já canta e já dança.

Dê-me o chapeo fino
E a roupa asseada,
Que eu ir lá não devo
Toda enfarinhada.

Hei-de ir de chinellas,
De meias de linha,
Camisa mui branca...
Mas não de farinha.

Não quero se ria
De mim todo o povo:
Dê-me a saia verde
Mais o gibão novo.

Eu quero mostrar-me
No largo da egreja,
E mordam-se as outras
Embora de inveja.

E se perguntarem
Quem é a gaiteira,
Saibam que é a filha
Da Thereza moleira.

Henrique Augusto

A NOIVA ARRAIANA

—Deus vos salve, minha tia.
Na vossa roca a fiar!
—Venha embora o cavalleiro
Tão cortez no seu falar!
—Má hora se elle foi, tia,
Má hora torna a voltar!
Que já ninguem o conhece
De mudado que ha-de estar.
Por lá o matassem mouros,
Se assim tinha de tornar!
—Ai sobrinho da minha alma,
Que és tu pelo teu falar!
Não vês estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?
—E meu pae e minha mãe,
Tia, que os quero abraçar?
—Teu pae é morto, sobrinho,
Tua mãe foi a enterrar.
—Que é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?
—A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.

—Que é do meu cavallo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?
—O teu cavallo, sobrinho,
El-rei o mandou tomar.
—Que é da minha noiva, tia,
Que aqui ficou a chorar?
—Tua noiva faz hoje a voda,
Amanhã se vai casar.
—Dizei-me onde é, minha tia,
Que me quero lá chegar.
—Sobrinho, não digo, não,
Que te podem lá matar.
—Não me matam, minha tia,
Cortezia eu sei usar:
E onde faltar cortezia
Esta espada ha-de chegar.

—Salve-os Deus, oh lá da voda,
Em bem seja o seu folgar!
—Venha embora o cavalleiro,
E que se chegue ao jantar!
—Eu não pretendo da voda
Nem tão pouco do jantar:
Pretendo fallar á noiva,
Que é minha prima carnal.

Vindo ella lá de dentro,
Toda lavada em chorar,
Mal que vio o cavalleiro,
Quiz morrer, quiz desmaiar.
—Se tu choras por me veres,
Já me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.
—Pagar devia com a vida
Quem me queria enganar,
Quando te deram por morto
N'essas terras d'além-mar.
Mas que fiquem com a voda
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguem m'os ha-de quitar!

—Venha juiz de Castella,
Alcaide de Portugal;
Que se aqui não ha justiça,
Com esta espada a hei-de tomar!

ROMANCE POPULAR

PRIMEIRO PSALMO DE DAVID

Bemdito o que não cae em se guiar
Por conselhos de gente depravada;
E em vendo que vae mal, muda de estrada,
E nunca se demora em mau logar:

Que o seu empenho é só unicamente
A lei de Deus, que estuda noite e dia.
Como a arvore ao pé d'agua corrente,
Dá a seu tempo o fructo que devia.

Nunca lhe cae a folha: empresa sua
Sae por força conforme o seu intento;
Emquanto o impio, o mau trabalha e sua,
E é sempre como o pó, que espalha o vento!

No tribunal, onde ha-de ser ouvido,
Não conte com sentença a seu favor;
Que não entra no numero escolhido
Dos justos, dos amigos do Senhor.

O justo, Deus bem sabe o seu caminho,
E guia-o, não o deixa andar sósinho;
E o caminho do mau, pelo contrario,
E' beco sem saída e solitario.

João de Deus.

TRANSFIGURAÇÃO

Sósinha e ao desamparo ella vivia
N'esse pobre casebre abandonado;
Não conhecera pae nem mãe; doia
Fitar aquelle rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
Para os descantes da festiva aldeia;
E comsigo a mesquinha suspirava:
«Doce Jesus! porque nasci tão feia?»

Quando a lua no céo azul surgia,
De alvor banhando a múrmura deveza,
No postigo do albergue a sós gemia,
Triste mulher sem viço e sem belleza.

Chamou-a Deus emfim: quando passava
O singello caixão na triste aldeia,
Melancholico o povo murmurava:
«Vae tão bonita, olhae! e era tão feia!...»

A. C. Gonçalves Crespo

DEUS

Nas horas do silencio, á meia-noite,
Eu louvarei o Eterno!
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,
E os abysmos do inferno.
Pela amplidão dos ceus meus cantos soem,
E a lua prateada
Pare no giro seu, emquanto eu pulso
Esta harpa a Deus sagrada.

Antes de tempo haver, quando o infinito
Media a eternidade,
E só do vacuo as solidões enchia
De Deus a immensidade,
Elle existia, em sua essencia involto,
E fóra d'elle o nada:
No seio do Creador a vida do homem
Estava ainda guardada:
Ainda então do mundo os fundamentos
Na mente se escondiam
De Jehovah, e os astros fulgurantes
Nos ceus não se volviam.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento
Das mãos sólta o Senhor:
Surge o sol, banha a terra, e desabrocha
Uma primeira flor:
Sobre o invisivel eixo range o globo:
O vento o bosque ondeia:
Retumba ao longe o mar: da vida a força
A natureza anceia!

Quem dignamente, oh Deus, ha-de louvar-te,
Ou cantar teu poder?
Quem dirá de teu braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
No dia da creação; quando os thesouros
Da neve amontoaste;
Quando da terra nos mais fundos valles
As aguas encerraste?!

E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,
Com dextra poderosa,
Fez, por lei immutavel, se librassem
Na mole ponderosa?
Onde existia então? No typo immenso
Das gerações futuras;
Na mente do meu Deus. Louvor a elle
Na terra e nas alturas!

Oh, quanto é grande o rei das tempestades,
Do raio e do trovão!
Quão grande o Deus, que manda, em secco estio,
Da tarde a viração!
Por sua Providencia nunca embalde
Zumbio minimo insecto;
Nem volveu o elephante, em campo esteril,
Os olhos inquieto.
Não deu elle á avesinha o grão da espiga,
Que ao ceifador esquece?
Do norte ao urso, o sol da primavera,
Que o reanima e aquece?
Não deu elle á gazella amplos desertos,
Ao cervo a amena selva,
Ao flamingo os paúes, ao tigre o antro,
No prado ao touro a relva?
Não mandou elle ao mundo, em lucto e trevas,
Consolação e luz?
Acaso em vão algum desventurado
Curvou-se aos pés da cruz?
A quem não ouve Deus? Sómente ao impio
No dia da afflicção,
Quando pesa sobre elle, por seus crimes,
Do crime a punição.

Homem, ente immortal, que és tu perante
A face do Senhor?

E's a junça do brejo, harpa quebrada
Nas mãos do trovador!
Olha o velho pinheiro, campeiando
Entre as neves alpinas;
Quem irá derribar o rei dos bosques
Do throno das collinas?
Ninguem! Mas ai do abeto, se o seu dia
Extremo Deus mandou!
Lá correu o aquilão: fundas raizes
Aos ares lhe assoprou.
Suberbo, sem temor, saío na margem
Do caudaloso Nilo,
O corpo monstruoso ao sol voltando,
Medonho crocodilo.
De seus dentes em roda o susto habita;
Vê-se a morte assentada
Dentro em sua garganta, se descerra
A bocca affogueada:
Qual duro arnez de intrepido guerreiro
E' seu dorso escamoso;
Como os ultimos ais d'um moribundo
Seu grito lamentoso:
Fumo e fogo respira, quando irado;
Porém, se Deus mandou,
Qual do norte impellida a nuvem passa,
Assim elle passou!

Teu nome ousei cantar! Perdoa, oh Nume,
Perdoa ao teu cantor!
Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,
Mas são hymnos de amor.
Embora vis hypocritas te pintem
Qual barbaro tyranno:
Mentem, por dominar com ferreo sceptro
O vulgo cego e insano.
Quem os crê é um impio! Receiar-te
E' maldizer-te, oh Deus;
E' o throno dos despotas da terra
Ir collocar nos ceus.
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
Dos males da existencia
Tranquillo e sem temor, á sombra posto
Da tua Providencia.

ALEXANDRE HERCULANO

INDICE